UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANE FELISBINO

ISÓCRATES E A LEGITIMIDADE DO PODER DE FELIPE II DA MACEDÔNIA NO SÉCULO IV A.C.: *BASILEÚS* BÁRBARO OU *HEGEMÓN* GREGO?

CURITIBA

2017

LUCIANE FELISBINO

ISÓCRATES E A LEGITIMIDADE DO PODER DE FELIPE II DA MACEDÔNIA NO SÉCULO IV A.C.: *BASILEÚS* BÁRBARO OU *HEGEMÓN* GREGO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITIBA
2017

Catalogação na publicação

Mariluci Zanela – CRB 9/1233

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Felisbino, Luciane

Isócrates e a legitimidade do poder de Felipe II da Macedônia no século IV a.C.: *Basiléus* bárbaro ou *Hegemón* grego? / Luciane Felisbino – Curitiba, 2017.

97 f.

Orientador: Renan Frighetto

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Isocrates, 436-338 a.C. 2. Felipe II, Rei da Macedônia, 382 – 336 a.C. 3. Civilização grega. 4. Helenismo – Civilização classica. I. Título.

CDD 938.08

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUCIANE FELISBINO**, intitulada: "**Isócrates e a legitimidade do poder de Felipe II da Macedônia no século IV a.C.: *Basileus* bárbaro ou *Hegemon* grego?**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 06 de Março de 2017.

RENAN FRIGHETTO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ANDRE LUIZ LEME
Avaliador Externo (UNIOESTE)

THIAGO DAVID STADLER
Avaliador Externo (UNESPAR)

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Universidade Federal do Paraná
MEC
Rua General Carneiro, 460
6.º andar
Fone:
80060-150 Curitiba PR

AGRADECIMENTOS

Lembro de ainda na graduação ter ouvido algum professor dizer que História não se faz sozinho... Então devo dizer que, se cheguei ao final do que espero ser apenas o início do caminho, é também graças à ajuda e compreensão de muita gente, dentre elas minha mãe Dalva, meus irmãos Bertoldo e João e cunhadas Márcia e Sheila.

Também devo um grande agradecimento aos meus amigos John e Rafa, que me acolheram em sua “toca” sempre que precisei. Além de todas as conversas sobre tudo, de poesias a aliens... certamente aprendi muito com vocês! E com a galera toda de Letras!!!

Fico feliz que algumas pessoas da graduação permaneceram em minha vida mesmo depois desta fase... Devo um agradecimento especial ao Leo, que me ajudou com os textos da seleção e com as burocracias de inscrição e tudo mais! Mas também tive ótimos momentos e conversas com o Victor, a Gabriela, o Lucas, Jean, Helena, Bruno, Brenda, a Dani...e quem mais tenha estado nestes últimos dois anos, sinta-se contemplado!

Igualmente, durante o mestrado conheci muita gente que merece estar aqui, pois aprendi até mesmo com colegas que não tive muito contato devido às disciplinas que fizemos juntos e sou grata a todos. Destes devo destacar os amigos da C&P, Mari, Gabrieu, Pri, Lucca e Andréia. Espero que ainda tenhamos muitas discussões produtivas como as das aulas de Seminário!!!

Ainda preciso agradecer os amigos de longe... Daniel, que me aguenta e sempre que possível me ajuda! Renan, pelas conversas e explicações “filosóficas”! E aos de perto... Jéssica, Deisi, Viviani, Geisi, Day, Mi...

Agradeço também ao meu orientador Renan Frighetto e aos professoras Fátima Regina Fernandes e Marcella Lopes Guimarães e ao professor Pedro Plaza, pelo aprendizado que pude ter com todos nos últimos anos. Um agradecimento especial à Maria Cristina Parzwski, que sempre nos ajuda com as burocracias e complicações que aparecem na vida acadêmica!

Também devo agradecer à minha banca de qualificação, Thiago Stadler e André L. Leme, pelos comentários e disponibilidade.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

“É fato que nós, historiadores, nos interessamos por aquilo que é um pouco um reflexo de nós mesmos, talvez uma parte de nós mesmos que não gostaríamos de examinar a não ser através da erudição; também é verdade que, à medida que nos impregnamos de nossos interesses, cada vez mais eles se tornam parte de nós”

Elizabeth Kostova

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como o retórico ateniense Isócrates constrói as identidades grega e bárbara, legitimando o monarca macedônico Felipe II como um líder grego durante o século IV a.C. Para isto, serão utilizadas como fontes históricas dois de seus discursos – o *Panegírico* e o *Felipe* – que tinham como finalidade o ideal pan-helênico, propondo a união das cidades gregas e uma nova guerra contra os persas. Portanto, enquanto o autor tenta estabelecer quais relações que os atenienses ou Felipe deveriam manter com os demais grupos, constrói também imagens sobre cada grupo apresentado, definindo uma identidade grega em contraposição com seu *outro* bárbaro. Além disso, insere o rei macedônio neste pertencimento grego, justificando sua liderança sobre as cidades em uma empreitada militar contra os persas. Todavia, o retórico também tenta mostrar a Felipe como agir perante aos gregos, evidenciando quais características seriam desejáveis para um líder grego. Assim, estudos sobre a questão da identidade fazem parte do quadro teórico metodológico utilizado, influenciando nas questões propostas e no tratamento com as fontes.

Palavras chave: Grécia Clássica. Pan-helenismo. Identidade. Isócrates. Felipe II da Macedônia.

ABSTRACT

This study aims at comprehending how the Athenian rhetorician Isocrates builds both Greek and barbarian identities, legitimizing the Macedonian monarch Philip II as a great Greek leader during the 4th century B. C. In order to do it, two of his speeches are going to be analyzed as historical sources – *Panegyric* and *To Philip* – which had the Panhellenic ideal as the aim, proposing both the merging of Greek cities and another war against the Persians. Therefore, while the author attempts to establish which relations should be kept by the Athenians or Philip toward other groups, he also builds images about each of the groups presented, defining a Greek identity in opposition to his *other* barbarian. Moreover, he inserts the Macedonian king into this Greek sense of belonging, justifying his leadership on the cities in a military endeavor against the Persians. However, the rhetorician also tries to show Philip how to proceed in front of Greeks, highlighting the desirable characteristics of a Greek leader. Thus, studies about the matter of identity are part of the theoretical and methodological framework used, affecting the issues proposed and the analysis of historical sources.

Keywords: Classical Greece. Panhellenism. Identity. Isocrates. Philip II of Macedon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08
1 – O DESEJO DE GUERRA E PAZ 15
1.1 – NA *PÓLIS* NÃO DEVE HAVER GUERRA 18
1.2 – AS AMBIGUIDADES DA GUERRA 21
1.2.1 – Quando a guerra se torna um desejo 23
1.2.2 - Quando a guerra se torna um problema 27
1.2.3 – As duas cidades e a guerra 31
1.2.4 – Felipe II e as guerras 34
1.3 – COM QUEM SE FAZ A PAZ? 38
1.3.1 – Paz: entre a aspiração e a acusação 40
1.3.2 – Concórdia: uma busca pelo entendimento 43
2 – A EDUCAÇÃO ACIMA DO SANGUE 47
2.1 – DUAS EDUCAÇÕES, DOIS POVOS 51
2.1.1 – Um modelo de helenidade ateniense 54
2.1.2 – Uma visão isocrática sobre os persas 64
3 – FELIPE II: *BASILEÚS* BÁRBARO OU *HÉGEMON* GREGO? 69
3.1 – UM *BASILÉUS* CIDADÃO 70
3.2 – UM *BASILÉUS* (GREGO) DOS BÁRBAROS 73
3.3 – HÉRACLES: UM MODELO A SEGUIR 80
CONCLUSÃO 84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 88
APÊNDICE 92

INTRODUÇÃO

Apesar dos recortes explicativos tenderem a separar a título de análise cada um dos povos da antiguidade, quando estudamos os gregos do Período Clássico parece ficar clara a existência do contato destes com outras sociedades mais ou menos próximas. Assim afirmamos por ser fácil e rápido encontrarmos exemplos de interações, uma vez que a própria escrita pela qual tomamos conhecimento de seus pensamentos é formulado com base no alfabeto fenício[1] séculos antes, e que um dos acontecimentos mais acentuados desta época seria a guerra contra os persas. Por isso, entendemos que o mundo grego envolvia não apenas aqueles espaços reservados às *póleis*, mas agregava também as demais regiões e/ou povos por eles conhecidos. Apesar disso, nosso trabalho terá um centro definido pelas fontes a serem analisadas, partindo do ponto de vista grego, mais precisamente ateniense, na tentativa de compreender um pouco melhor a visão destes sobre si próprios e sobre o *outro*. Além disso, será possível perceber que por vezes chega a ser difícil até mesmo precisar as fronteiras entre algumas das identidades que estão em contato naquele momento histórico.

Se geograficamente a pesquisa está centrada neste ambiente grego, que volta seus olhos para outras regiões, no que diz respeito à dimensão cronológica ela se encontra no início do século IV a.C., nos últimos anos do chamado Período Clássico. No século anterior, mas ainda nesta mesma Época Clássica da Grécia Antiga, tiveram lugar tanto as guerras contra os persas, quanto aquela entre as cidades gregas, conhecida como Guerra do Peloponeso. Esta última traria descontentamentos que fariam nascer uma corrente de pensamento, denominada pela historiografia de pan-helenismo, cujo objetivo seria restabelecer a concórdia entre os gregos e voltar-se contra o perigo bárbaro,

[1] Rosalind Thomas comenta a existência de controvérsias a respeito de quando e onde a escrita grega teria se estruturado, mas traz o século VIII a.C. como o mais provável devido ao contato intenso entre gregos e fenícios. THOMAS, R. Letramento e Oralidade na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus, 2005. p.75.

leia-se persa, pois acreditavam que "apenas a união dos gregos permitiria a resolução dos graves problemas enfrentados pelas cidades gregas"[2].

Um dos maiores representantes desta linha de pensamento durante o século IV a.C. seria Isócrates, um ateniense que teria nascido em 436 a.C., cinco anos antes do início da guerra entre os gregos, e morrido em 338, mesmo ano em que Felipe II da Macedônia obtém a vitória sobre os gregos em Queronéia. Filho de um fabricante de flautas, cuja fortuna propiciaria que ele e seus irmãos tivessem uma boa educação, teria estudado com Pródico de Céos, Terâmenes, Górgias entre outros. Com o último recebeu aulas na Tessália, durante a Guerra da Decélia, tendo retornado à sua cidade em 404 a.C., quando esta se encontrava sob o domínio da Oligarquia dos Trinta, após a vitória espartana em Egospótamos e o fim da Guerra do Peloponeso. Neste período, por conta do governo dos Trinta, teria perdido a riqueza de sua família, que pôde recuperar graças a sua educação, o ateniense inicialmente trabalharia de logógrafo[3] (ofício que posteriormente renegará) e, após a restauração da democracia, se dedicaria ao ensino de eloquência.[4] Dentre suas principais contribuições, o Doutor em Letras Paul Cloché destaca ainda os campos da retórica, pedagogia, moral, instituições, diplomacia e política.[5]

Tendo vivenciado o período de guerra entre as *póleis*, segundo o tradutor Juan Manuel Guzmán Hermida, quatro seriam as obras isocráticas associadas ao pan-helenismo: *Panegírico, Filipe, Carta a Dionísio* e *Carta a Arquidamo* – estas teriam em comum o apelo à união das *póleis* para que se fizesse a guerra aos persas.[6] Partindo desta divisão preliminar, nosso intento neste trabalho será analisar os dois discursos pan-helênicos de Isócrates – o *Panegírico*, escrito em 380 a.C., e *Filipe*, de 346 a.C – para compreender como, através deles, o retórico constrói uma identidade grega através da recuperação de elementos comuns às *póleis*, enquanto traz à tona seu *outro*, o bárbaro, que deve ser por eles

[2] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220.

[3] *Logográphos* seriam profissionais que escreviam discursos judiciais em troca de remuneração, para tal, deveriam ser conhecedores das leis e dominar a argumentação. LÓPEZ, S.A. Oratoria y logografia. In: *Cuadernos de Filosofia y Letras*, México,v.14.p.40.

[4] CLOCHÉ,P. *Isocrates et son temps.* Paris:Les Belles Letres.p.5-8. LÓPEZ, S.A. Isocrates logografo y orador. In: *Cuadernos de Filosofia y Letras*, México,v.14.p.79-80. HERMIDA, J.M.G. Introducción general. In: ISÓCRATES. *Discursos I.* Madrid: Gredos. p.7-10.

[5] CLOCHÉ, P.*Isocrate et son temps*. p. 5-8.

[6] HERMIDA, J.M.G. Introducción general. p.22-24.

combatido. Optamos pela análise dos dois discursos separadamente das duas cartas, também de vínculo pan-helênico, pois estas obras por se apresentarem em sua completude poderiam nos trazer mais elementos para a reflexão. Desta forma, nosso recorte se pautou na tipologia das fontes, preferindo os discursos às cartas, e também em suas condições, uma vez que estas se encontram incompletas.

Da mesma forma, pensamos que o exame conjunto dos discursos possibilita a ponderação sobre as mudanças contextuais que permitiram que o autor, que em seu *Panegírico* coloca o monarca macedônico Amintas no mesmo patamar do tirano de Siracusa e do rei persa[7] – o bárbaro por excelência – passasse a inserir, em seu *Felipe*, a linhagem do rei da Macedônia em uma identidade grega, legitimando a liderança de Felipe sobre as *póleis* gregas em uma expedição contra os persas. Assim, no discurso de 380 a.C. percebemos o desconforto do ateniense com a Paz do Rei[8], firmada seis anos antes, e com os lacedemônios que nos anos que se seguiram ao tratado o violariam tomando cidades como Mantinéia, Olinto e Fliunte.[9] Enquanto naquele direcionado à Felipe, de 346, sua preocupação seria o relacionamento com o monarca macedônio com quem sua cidade guerreava desde 357. Além disso, após um novo período de hegemonia com a Segunda Confederação Marítima Ateniense, esta chegara ao fim com o desenrolar da Guerra dos Aliados.[10]

Em busca de um maior compreensão sobre Isócrates e sua obra recorremos a uma bibliografia variada, incluindo historiadores, letristas e estudiosos de retórica. Assim, nosso primeiro contato com a vida e escritos deste ateniense se deu através de Juan Manuel Guzmán Hermida[11], o tradutor da versão espanhola que utilizamos, em sua *Introducción General* aos *Discursos I* de Isócrates. Seu texto percorre tanto o pensamento político e a quanto *paidéia*

[7] ISÓCRATES. *Discursos I*. Madrid: Gredos. p.233-234.
[8] Seria a primeira "paz comum", que determinaria o domínio persa nas cidades da Ásia e a autonomia das cidades do continente. O que segundo, Peter V. Jones, serviria mais para resolver os problemas de Esparta e da Pérsia do que para promover bases reais para a paz no território grego. GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.129. JONES, P.V. *O Mundo de Atenas*: uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense. São Paulo: Martin Fontes, 1997.p.45. MOSSÉ, C. *Atenas:* A História de uma Democracia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.p.105.
[9] JONES, P.V. *Ibid*. p.45-46.
[10] JONES, P.V. *Ibid*. p.47-52.
[11] HERMIDA, J.M.G. Introducción General. p.7-43.

do retórico, comentando a importância de seu pensamento sobre a educação dos soberanos, bem como de seus ideais pan-helênicos e das mudanças em suas concepções políticas, devidas às mudanças contextuais. Também tivemos contato com as ideias de Paul Cloché[12] em seu escrito *Isocrate et son temps*, no qual trata da trajetória de Isócrates focando mais as questões políticas e sociais. Além dele, historiadores como Laura Sancho Rocher[13] e Borja Antela-Bernárdez[14] se preocupariam igualmente com uma análise política; a primeira, comparando as visões de Isócrates e Demóstenes a respeito da crise política de sua época, enquanto o outro, utilizaria os conceitos de hegemonia e pan-helenismo para compreender esta questão. Sobre o tema educacional na obra isocrática, encontramos Werner Jaeger[15] que a ele dedica algumas páginas em sua *Paidéia*, não deixando de demonstrar a ligação entre educação e política nos escritos do retórico ateniense.

Do mesmo modo, nosso estudo perpassará questões políticas e mesmo sobre a educação, ao passo que tentaremos entender um pouco melhor sobre as identidades construídas em nossas fontes, sobre o que seria ou não ser grego e sobre a imagem projetada de/para Felipe II. Sobre esta temática dentro do âmbito da História Antiga, temos François Hartog[16] que em seu livro *O Espelho de Heródoto* analisou o tema da alteridade dentro da obra de Heródoto e como os meios utilizados por ele para tornar o *outro* reconhecível acabava falando muito dos próprios gregos. Do mesmo modo, José Ribeiro Ferreira[17], em seu artigo *Hélade, Pan-helenismo e Identidade Helênica*, mostra como este sentimento de unidade cultural se fortalece gradualmente, em contraste com povos com características diferentes, através do estudo de alguns termos e autores ao longo do tempo.

---

[12] CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps.*Paris: Les Belles Letres.

[13] ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes.In: *Gerión*, Madrid. v.20, n.1, 2002. p. 231-253.

[14] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo: Conceptos Políticos en tiempos de Filipo y Alejandro. In: *Dialogues d'histoire ancienne,* vol.33, nº2, 2007,pp.69-89.

[15] JAEGER, W. *Paideia:* a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

[16] HARTOG, F. *O espelho de Heródoto:* Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

[17] FERREIRA, J.R. Hélade, Pan-helenismo e Identidade Helênica. In: FIALHO, M.C., SILVA, M.F.S., PEREIRA, M.H.R. *Génese e consolidação da ideia de Europa:* vol.I: de Homero ao fim da época clássica. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005.p.15-42.

Embora estes textos nos sejam caros, a discussão sobre identidade extrapola não apenas o quadro da Antiguidade, mas também a própria disciplina de História. Assim, incluímos em nossa bibliografia textos de outras e áreas, como antropologia e psicologia, e sobre outros períodos e lugares, mas que nos auxiliaram na elaboração de nossos questionamentos e constituíram nossa base teórica e metodológica para a construção dos meios de análise de nossas fontes.

Dentre eles, Jean Pierre Warnier[18] em seu livro *A mundialização da cultura* estuda os movimentos de mundialização e fragmentação da(s) cultura(s) no contexto atual, e nos ajuda a pensar a relação entre a cultura e os fenômenos de identidade. Sendo esta definida como "o conjunto dos repertórios de ação, língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele"[19], construindo ao mesmo tempo uma alteridade, um grupo que se encontra excluído[20]. Do mesmo modo, Kathryn Woodward[21], no texto *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, mostra a identidade como relacional, dependendo de uma outra para existir, marcada pela diferença e esta pela exclusão. Partindo destas concepções, orientamos nossa pesquisa no sentido de reconhecer e comparar os grupos de maior relevância dentro de ambos os discursos isocráticos – gregos, persas, atenienses, lacedemônios, macedônios e Felipe – percebendo essas relações de identidade e diferença.

Ainda, autores como Florence Giust-Desprairies e Ana Lucia S. Enne nos ajudaram a não compreendemos as identidades como imutáveis e rígidas, e sim, como construções em elaboração constante, devido as interações entre os personagens e as mudanças de contexto[22]. A primeira, em seu artigo *Identidade como processo, entre ligação e desprendimento* destaca o papel dos momentos de crise para o repensar e a reconstrução das identidades, seja a nível individual ou coletivo. Enquanto Enne, em *Redes de Memória e História na*

[18] WARNIER, J.-P. *A Mundialização da Cultura*. Baurú, SP: EDUSC,2003.
[19] WARNIER, J.-P. *Ibid*. p.16-17.
[20] WARNIER, J.-P. *Ibid.*p.18.
[21] WOODWARD, K. Identidade e diferença :uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da. (org.) *Identidade e diferença:* A perspectiva dos Estudos Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P.7-72.
[22] ENNE, A.L.S. Redes de Memória e História na Baixada Fluminense: práticas discursivas, processos de configuração e reconfiguração das identidades sociais. In: LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. *Para Além da Identidade:* Fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.p.62-77. GIUST-DESPRAIRIES, F. A identidade como processo, entre ligações e desprendimento. In: ZUGUEIB NETO, J. (Org.) *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade.* Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2005. p.202-210.

Baixada Fluminense, trabalha com o conceito de redes, demonstrando como os grupos estando em constante interação se reformulam de acordo com as circunstâncias, além da possibilidade de existência de elos que não estão necessariamente inseridos em um lado – como *elos intermediários*, *elos prováveis,* entre outros – podendo se permear ou serem possibilidades de futuras incorporações.[23]

Desta forma, acreditamos que o confronto entre os dois discursos de Isócrates, escritos em momentos diferentes da vida do autor e da conjuntura das *póleis*, poderá trazer alguma luz sobre a reelaboração da identidade da monarquia macedônica. Além disso, se "a identidade, sempre em construção, sempre inacabada, surge como questão nas situações de crise"[24], como não esperar que num ambiente tão conturbado quanto o grego do século IV a.C. surgissem discursos identitários que propusessem uma resolução para os conflitos pelos quais passavam?

Assim, estruturamos nosso trabalho em três capítulos, em busca do entendimento da identidade grega e da inserção de Felipe II da Macedônia neste lugar cultural e político. Visto que o tema central de ambos discursos era a busca pela paz entre os gregos e a guerra contra os persas, decidimos começar nossa investigação pelo entendimento destas relações dentro das obras. Desta forma, procuramos em nosso primeiro capítulo compreender tanto a visão de Isócrates sobre os diversos níveis de conflitos presentes naquele mundo grego do século IV, percebendo contra quem as guerras e desentendimentos se tornavam um problema a ser evitado e contra quem eram desejáveis; quanto sobre a paz que precisaria ser feita e quais personagens deveria envolver. Através destas distinções conseguimos também verificar uma série de identidades que se delineavam e eram associadas a alguma das duas concepções.

No segundo capítulo, ao tentarmos apreender o que era "ser grego" para Isócrates percebemos que este pertencimento se ligaria a uma ideia de educação/cultura. Por isto, nossa intenção nesta parte do trabalho se voltou para compreensão da chamada *paidéia* grega. Para tal, buscamos no *Panegírico* quais seriam as qualidades desejadas e indesejadas, verificando a quais grupos

[23] ENNE, A.L.S. Redes de Memória e História na Baixada Fluminense.
[24] GIUST-DESPRAIRIES, F. A identidade como processo, entre ligações e desprendimento.p.202.

cada uma delas era vinculada. Optamos por utilizar apenas este discurso nesta fase pois neste a oposição apresentada é sobretudo entre gregos, mais propriamente atenienses, e persas; trazendo descrições e características de ambos os grupos. Além disso, as qualidades definidas e desejadas com relação a Felipe seriam trabalhadas no capítulo posterior.

Por fim, se a *paidéia* grega tinha como função a formação do homem político, na última parte de nosso trabalho pretendemos nos centrar no discurso *Felipe*, buscando compreender como Isócrates por um lado, tentava legitimar um rei macedônio como líder das *póleis* gregas, portanto como um líder grego; por outro, procurava influenciar o monarca oferecendo a ele exemplos e ressaltando as qualidades que considerava importante.

Por fim, para melhor compreendermos as sutilezas do discurso isocrático, em cada um dos capítulos iremos analisar uma série de termos gregos que nos ajudarão a responder as questões propostas em cada uma das etapas de trabalho. A preferência pela utilização de substantivos se deve tanto à sua função de designar e nomear o que nos rodeia, quanto ao fator desta classe gramatical possuir apenas as declinações que exprimem o seu lugar na frase, número e gênero, sem haverem flexões de tempo – que poderiam levar a necessidade de uma discussão anterior sobre a relação dos gregos com o tempo, desviando o intuito desde trabalho. Também examinaremos, durante o segundo e terceiro capítulos as características atribuídas por Isócrates aos atenienses, persas e Felipe, para podermos refletir sobre os elementos culturais desejados ou não pelo autor.

1 – O DESEJO DE GUERRA E PAZ

A temática da guerra dentro do mundo grego se mostra tão antiga quanto a própria Hélade. Desde os épicos de Homero até as histórias de Heródoto e Tucídides a encontramos como elemento central, que denuncia sua posição dentro da própria cultura grega. Por outro lado, nunca deixa de ser recente, aparecendo constantemente na historiografia, literatura e até filmografia. No que concerne aos primeiros, mesmo quando não aparece como tema principal se encontra presente como pano de fundo de um contexto que sempre se apresentou como conflitivo. Todavia, como Thiago David Stadler demonstra a predileção pela temática da guerra e violência ao longo da História se deve a escolhas e convenções, sendo que na antiguidade serviam de legitimação político-cultural.[25]

Um dos capítulos do livro *O Homem Grego* é dedicado à relação entre *O Homem e a Guerra*. Neste texto, Yvon Garlan irá destacar, entre outros, a importância da guerra para a própria identidade grega, embora não use este conceito, que perpassa todos os âmbitos de sua vida. Segundo o autor,

> "A todos os níveis e em todos os campos se afirma o predomínio do modelo guerreiro: na vida familiar o soldado é, como se pode ver nas decorações dos vasos áticos, a figura central em torno da qual se articulam as relações internas do *oikos*; na vida religiosa, cada uma das divindades do Olimpo é dotada de uma função militar específica; na vida moral, o valor de um homem de bem (*agathòs*), a sua *aretè*, consiste em primeiro lugar na coragem racional que manifesta no seu íntimo, ao lutar contra as paixões mesquinhas, como no campo de batalha onde o aguarda a <<bela morte>>, a única que tem um significado social."[26]

[25] STADLER, T.D. Barbeiros, cozinheiros e lutadores: a escrita da história a partir dos pequenos feitos em Plínio, o Velho. In: ANTIQUEIRA, M. (org.) *A escrita da história na Antiguidade greco-romana*. Curitiba: Editora Prismas,2016. p.197-201.

[26] GARLAN, Y. O Homem e a Guerra. In: VERNANT, J-P. *O Homem Grego.* Lisboa: Presença, 1994. p.49-50.

Porém, se por um lado demonstra o predomínio do que chama de modelo guerreiro, por outro alerta que o homem grego não poderia ser descrito como um *homo militaris*, no sentido de que ama a violência pela violência[27]. Além disso, afirma que "passou a ser-se soldado porque se era cidadão e na medida em que se era cidadão, e não o contrário."[28] Podemos pensar que essa ligação do cidadão com o guerreiro, que tem influência em toda a sua vida, se deva ao processo histórico que levou tanto à formação da *pólis* grega, quanto a sua manutenção e reformulações.

A esse respeito, Domingo Plácido Suárez, em seu artigo *La ciudad griega como marco y consecuencia de la conflictividad social*, analisa a questão dos conflitos internos na cidade de Atenas, desde suas origens até o século IV a.C. Para o autor, estes conflitos se deveram à estruturação da sociedade aristocrática e suas relações conflitivas com o campesinato, que levará a uma reestruturação da própria cidade ao passo que a mentalidade aristocrática será assumida pelos cidadãos da cidade hoplítica, desfazendo as bases do conflito inicial. Porém, segundo Suárez, no século IV a *pólis* passará por uma nova crise, que define como uma crise da democracia, destacando o papel da Guerra do Peloponeso para o debate sobre os limites da cidadania e o surgimento de teóricos que pretendem propor soluções para a situação em que se encontram as cidades.[29]

Além dos conflitos internos, devemos lembrar do papel da Guerra entre os Gregos e Persas para o desenvolvimento da cidade de Atenas e a relação desta com as demais. Seria a partir das vitórias contra os persas que os atenienses assumiriam uma posição de preeminência, sobre a qual a historiadora Claude Mossé comenta que "a ressonância moral e política das guerras médicas teria prolongamentos infinitos, que a propaganda ateniense se encarregaria de alimentar"[30]. Percebemos hoje o efeito paradoxal que se produziria a respeito dela, pois se por um lado contribuiria para a elaboração de um sentimento identitário comum, por outro, seria o pontapé para a criação da

[27] GARLAN, Y. *Ibid*. p.50.
[28] GARLAN, Y. *Ibid*. p.57.
[29] SUÁREZ, D.P. La ciudad griega como marco y consecuencia de la conflictividad social. In: *Vínculos de Historia.* núm.3. ano 2014. p.14-33.
[30] MOSSÉ, C. *Atenas*. p.39.

Liga de Delos, que levaria aos desentendimentos que desembocariam na conhecida Guerra do Peloponeso.

Mesmo após o marco final da Guerra entre os Gregos, a batalha de Egospótamos de 405, os conflitos não cessariam. A *pólis* dos atenienses havia perdido sua hegemonia e encontrava-se desgastada, mas isto não impediria cidadãos como Isócrates de buscarem uma solução para os problemas das *póleis*. É interessante notar que a saída proposta em seu *Panegírico*[31], de 380, para o fim dos conflitos entre as cidades gregas seja uma guerra comum contra quem para ele seriam os verdadeiros inimigos os bárbaros persas. O que logo demonstra uma dualidade na compreensão a respeito da guerra, na qual, para Isócrates as lutas constantes entre as cidades gregas se associaria à ideia de uma guerra civil, *stásis*, que como informa Garlan, era considerada desastrosa por se tratar de uma guerra entre os membros de uma mesma comunidade política[32]; enquanto a guerra contra os persas não seria apenas bem vista pelo retórico, mas também desejada.

Partindo desse panorama conflituoso, no qual a guerra pode suscitar sentimentos contraditórios dependendo dos atores e contextos em que se desenrolam, passamos a nos questionar sobre essa diferenciação e sua relação com a forma que entendiam a Hélade e os povos que fariam ou não parte dela. Tendo definido os dois discursos pan-helênicos de Isócrates como nossas fontes, percebemos que este tema permeava a ambos os escritos, por isso buscamos compreender como este retórico percebia os diversos níveis de conflito que aparecem em suas obras. Para tal, isolamos metodologicamente dois termos gregos utilizados por ele que se relacionam diretamente com esta temática – *stásis* e *pólemos* – observando quando Isócrates descrevia uma destas como algo positivo ou negativo e pensando as possíveis implicâncias das ideias que se ligavam a elas.

[31] ISÓCRATES. *Discursos I*.p.201-250.
[32] GARLAN, Y. O Homem e a Guerra. p.50.

1.1 – NA *PÓLIS* NÃO DEVE HAVER GUERRA

Na historiografia, a palavra *stásis* aparece ligada à ideia de guerra civil[33], mas Claude Vial alerta que esta "designa, ao mesmo tempo, a facção, a discórdia e a revolução"[34], além disso, o dicionário traz uma gama tão ampla que vai da ideia de estabilidade, fixidez à de sublevação, revolta, luta de partidos, dissenção, partidos etc[35]. Assim, podemos nos perguntar se dentro de um contexto em que as decisões importantes eram tomadas em conjunto, a partir de discussões que levariam ao convencimento do grupo, esses conceitos se correlacionassem, uma vez que a fixidez, ou uma doutrina muito rígida, poderia levar a uma ruptura deste modo de vida, a uma divisão política. Seria então essa ruptura da comunidade cívica que se tornaria o grande problema do século IV, sobre o qual os grandes teóricos políticos do período iriam se debruçar[36].

Isócrates em seu *Panegírico* utiliza este termo apenas quatro vezes – em sua forma acusativa plural, ou seja, nunca sendo vista como algo único. Na primeira delas, quando o autor faz uma retomada do passado, em defesa da hegemonia de sua cidade:

> "Teriam tal civismo que competiam entre si, não para que uns, depois de eliminar a outros, governasse ao resto dos cidadãos, senão para se antecipar e fazer algum bem à cidade: e se reuniam em sociedades políticas."[37]

Aqui encontramos o termo *stásis* com um sentido de competir ou disputar, que embora mantenha, de certa forma, a ideia de conflitividade do termo grego, não trai o sentido que o retórico quer imprimir em sua elaboração de um passado ideal, em que mesmo presente, essa "competição", não fazia com que seus antepassados deixassem de primar pelo bem da cidade. Então compreendemos que, neste momento, o termo parece se aproximar do conceito de *agón*, "um

[33] Podemos dentre os autores, alguns de nossa bibliografia como: JONES, P.V. *O mundo de Atenas*.p.30. GARLAN, Y. O Homem e a Guerra. p.51.
[34] VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga.* São Paulo: Martins Fontes, 2013.p.345.
[35] *Diccionário Manual Griego:* griego clásico- español. Vox. p.543.
[36] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega*. p.262-263.
[37] ISÓ. Pan. 79. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.220. Grifo meu.

espírito de competição, emulação; era o desejo de ser o melhor, o primeiro"[38], que se relaciona não apenas à questão do combate em guerras, mas também da discussão de acusado e acusador nas assembleias, disputas políticas etc. Entretanto, esta é a única ocasião na qual *stásis* parece estar alijada de sua característica negativa, que podemos presumir seja pela sua ligação com o passado ateniense, que deve ser exaltado para dar sentido à sua defesa. Um passado construído e idealizado pelo retórico em toda a obra, e que no momento estabelece qual forma de disputa deveria ser desejada (a que trouxesse algum bem à cidade) e indesejada (quando visa eliminar e governar a outros).

Sendo a segunda aparição em meio a denúncias contra os lacedemônios, o seu grande contraponto entre as *póleis* no momento, *stásis* já apresentará o sentido negativo de revoltas civis, acusa:

> "Quem poderia enumerar os desterros, as revoltas civis, as violações de leis, as mudanças de constituições, os ultrajes contra as crianças, as mulheres desonradas e as pilhagens de dinheiro? Além disso, posso dizer no geral que com um só decreto se teria podido por fim com facilidade os males ocorridos sobre nosso governo, mas nada poderia remediar os assassinatos e ilegalidades produzidos sobre seu poder."[39]

Teriam sido eles os culpados por todos os males, incluindo as *stáseis*, porém o mais importante é perceber que estes ocorriam dentro da Hélade, sendo ocasionado e sofrido por *póleis* gregas e não por bárbaros. Além disso, podemos pensar que essas *stáseis* se referem não às guerras entre as cidades, mas aos conflitos internos entre democratas e oligarcas, uma vez que em períodos de preeminência lacedemônia sistemas oligárquicos foram instaurados até mesmo na cidade de Atenas, como em 404 a.C. com a Oligarquia dos Trinta – na qual teria havido a perseguição dos inimigos políticos destes, além da luta entre os democratas exilados no Pireu contra os oligarcas da cidade.[40] Devemos lembrar ainda que este posicionamento de acusação provém de um homem que tendo

[38] VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga*. p.18.
[39] ISÓ.Pan.114. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.230. Grifo meu.
[40] JONES, P.V. *O mundo de Atenas.* p. 41-42. MOSSÉ, C. *Atenas*. p. 93-100. MORALES, F.A. *A Democracia Ateniense pelo Avesso.* São Paulo: Edusp, 2014. p. 218-228.

vivido no período da dita Guerra do Peloponeso, além de ter perdido seu patrimônio por conta desta, também retornava para sua cidade, Atenas, por volta deste mesmo ano de 404[41], em tempo de presenciar todo o desenrolar dos acontecimentos do "pós-guerra".

Do mesmo modo, as duas últimas utilizações do termo se referem aos problemas internos das *póleis*, no momento em que Isócrates lamenta as desavenças entre elas, "nós mesmo argumentamos mais que o necessário sobre ter feito guerras e revoltas entre nós"[42], e incita os gregos à guerra contra os persas. Mas a novidade é que nestas duas ocorrências a palavra *stásis* aparece lado a lado com nosso outro termo, *pólemos*, ficando clara a existência de uma diferença entre os dois termos, que são atribuídos aos conflitos na Hélade.

> "É simples e fácil o discurso que trata sobre isto: não será possível que guardemos uma paz estável a não ser que façamos a guerra comum contra os bárbaros, nem que os gregos estejam de acordo, antes que obtenhamos ajuda de nós mesmos e suportemos perigos contra os mesmos inimigos. Quando isto ocorrer, e desaparecer a dificuldade de nossa vida, que rompe as amizades, conduz parentes ao ódio e empurra a todos os homens a revoltas e guerras, será impossível que não estejamos de acordo e tenhamos uma autêntica boa disposição entre nós."[43]

O termo *stásis*, como vimos, estaria relacionado à ruptura de uma comunidade política, neste sentido, se refere mais aos conflitos internos das cidades do que da relação entre elas. Desta maneira, os conflitos (*stásis*) que Isócrates denuncia neste momento são novamente aqueles provenientes das disputas entre oligarcas e democratas existentes no interior de cada uma das *póleis*, mas que também influenciaria nas guerras entre elas, uma vez que cada grupo encontraria aliados dentro das outras cidades, que se beneficiariam com as mudanças políticas que costumavam ser impostas pela *pólis* vencedora. Assim, parece que o ateniense eleva a guerra entre as *póleis* ao mesmo nível

[41] CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. p.5.
[42] ISÓ.Pan.167-168. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.244. Grifos meus.
[43] ISÓ. Pan. 173-174. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.246. Grifos meus.

que os conflitos internos uma cidade, sendo ambas indesejadas e males que poderiam ser ultrapassados a partir de uma guerra comum contra os bárbaros.

Em seu escrito posterior, *Felipe*, Isócrates ao tecer meios de inserir o rei macedônio na cultura grega e justificar uma futura hegemonia, por ele defendida, usa apenas duas vezes o termo *stásis*[44], ainda assim, para se referir à conflitos dentro de uma mesma cidade. A única nuance que acreditamos ser interessante trazer aqui, é a ocasião em que o ateniense, ao retomar os feitos de Amintas III, pai de Felipe II, afirma:

> "Ele que adquiriu seu poder pensou mais em seus concidadãos que em seu próprio desejo de ser monarca, mas não pensou igual aqueles que tem ambições parecidas. Porque estes últimos adquiriram esta honra provocando em suas próprias cidades revoltas, desordens e matanças, mas aquele se despreocupou totalmente do território grego e buscou estabelecer o reino na Macedônia."[45]

Aqui a denúncia se volta contra aqueles que ao desejarem um poder desmedido e ao não pensarem no bem comum causam revoltas (*stásis*) em suas próprias cidades. Assim, ao delinear um modelo ideal de governante, que deveria ser seguido por Felipe, o ateniense buscava mostra-lo que o bom governante não deveria causar rupturas na comunidade cívica. Mais que isto, se durante o discurso ele busca também justificar sua liderança entre as *póleis*, pensamos que ele emerge como a solução para estas desavenças – caso siga as instruções propostas.

1.2 – AS AMBIGUIDADES DA GUERRA

Outro substantivo utilizado por Isócrates para tratar a questão dos diversos níveis de conflitos pelos quais as *póleis* passavam a algum tempo é *pólemos,* vocábulo que pode ser traduzido como combate ou guerra.

[44] ISO. Fel. 107 e 111. ISÓCRATES. *Discursos II*. Madrid: Gredos. 186 e 188.
[45] ISO. Fel. 106-107. ISÓCRATES. *Discursos II.*p.186. Grifo meu.

Diferentemente de *stásis*, que carrega uma conotação negativa por remeter à ruptura da comunidade cívica, *pólemos* poderia ter um sentido positivo, principalmente se relacionado à guerra contra os bárbaros persas.

Segundo Garlan, o *pólemos* seria a única forma de guerra entre comunidades que poderia ser valorizada, mas ressalta a importância de se obedecer a certas regras. Porém, o autor também comenta que no século IV até mesmo esta seria criticada pelos pan-helenistas no que se refere a uma guerra entre as cidades gregas,[46] como podemos verificar no discurso isocrático.

Este termo, que aparece 43 vezes no *Panegírico* e 30 no *Felipe*, apresenta uma abrangência maior que a de *stásis*, pois além de representar os conflitos que ocorriam entre as *póleis*, também era utilizado em relação aos bárbaros. Compreendemos que esta maior ocorrência do termo se deva ao fato de ser um termo mais geral e abrangente do que aquele que analisamos anteriormente. Devido à grande incidência do substantivo *pólemos* e seu amplo alcance, decidimos metodologicamente separar, em ambos os discursos, os temas principais a que ele se refere.

A partir desta separação, encontramos três temáticas comuns aos dois discursos:

1) a(s) guerra(s) contra os persas;
2) a(s) guerra(s) entre os gregos;
3) e uma última que alude aos persas ou a seu Rei.

Além delas, destacamos assuntos próprios de cada um dos textos – isto porque, os contextos específicos de produção levantariam problemas diferentes a serem tratados pelo retórico. Assim, o *Panegírico*, apresentaria ainda outros dois temas:

1) os atenienses;
2) e os lacedemônios.

Enquanto no *Felipe*, exibiria outros cinco:

1) a guerra entre atenienses e/ou gregos e Felipe II,
2) o Felipe,

[46] GARLAN,Y. O Homem e a Guerra. p.50.

3) a guerra,
4) outros lugares
5) e os oponentes de Felipe.

Desta forma, nas próximas páginas pretendemos trabalhar algumas das aparições do termo *pólemos* a partir destas temáticas, com o intuito de melhor compreendermos um pouco da diversidades das relações conflituosas do mundo grego.

1.2.1 – Quando a guerra se torna um desejo

O substantivo *pólemos* aparece relacionado com a(s) guerra(s) entre os gregos e persas 19 vezes no *Panegírico* e 6 no *Felipe.* Enquanto no primeiro discurso o termo aparece tanto para rememorar as guerras que ocorreram entre gregos e persas (13 vezes) quanto para incitar à uma nova guerra contra os bárbaros (6 vezes), no segundo o uso fica restrito a este convite. Devido ao grande número de ocorrências do termo, a título de análise iremos abordar apenas algumas delas, que entendemos como mais demonstrativas, para que não sejamos repetitivos nem nos alonguemos na discussão.

Partindo do que se refere ao passado Isócrates, em seu *Panegírico,* afirma que "A guerra mais famosa foi, com efeito, a guerra contra a Pérsia, mas as façanhas antigas não são prova inferior para os que discutem sobre tradições."[47] Assim, sem deixar de reconhecer a importância da tradição que começaria com as memórias provenientes de tempos mais antigos – como aquelas sobre a guerra de Tróia – o retórico ateniense enfatiza o papel das guerras contra os persas. Este destaque funcionaria tanto para demonstrar a legitimidade da empreitada promovida por ele, quanto para evidenciar a preeminência dos atenienses e corroborar a participação dos lacedemônios na defesa da Hélade em um passado não tão distante:

[47] ISÓ. Pan. 68. ISÓCRATES. *Discursos I.* p.217.

> "Mostram seu valor pela primeira vez frente as tropas enviadas por Dario. Pois quando os persas desembarcaram na Ática, os atenienses não aguardaram a seus aliados, mas fizeram da guerra comum a sua particular. Saíram ao encontro dos que desprezavam a toda a Grécia com apenas o próprio exército, uns poucos contra muitos milhares, como se fossem por em perigo vidas alheias. Os lacedemônios tão pronto souberam que havia guerra na Ática, descuidaram de todo o resto e chegaram em nossa ajuda com tanta pressa como se fora a sua terra a sitiada."[48]

E continua narrando as participações atenienses e lacedemônias nesta guerra e naquela que se sucedeu com Xerxes, evidenciando as façanhas de ambos em prol de toda a Hélade. Todavia, não deixaria de matizar essas participações elevando o papel de sua cidade a cima de sua rival:

> "Ainda que sua audácia fosse igual, não tiveram as mesmas sortes, mas os lacedemônios pereceram, e vencendo em seus espíritos, seus corpos cederam, já que não se pode dizer que foram vencidos; pois nenhum deles considerou honroso fugir; por outro lado, os nossos venceram a esquadra de primeira linha e quando se inteiraram de que os inimigos haviam se apoderado do desfiladeiro, desembarcaram na pátria [e a trás de dispor das coisas da cidade] resolveram tão bem o que restava, que, havendo realizado já antes muitas e belas cosias, ainda se destacaram mais nos últimos perigos."[49]

Apesar da construção retórica de Isócrates se destinar ao convencimento e à defesa de sua cidade como a nova líder de uma possível futura aliança contra os persas, devemos nos lembrar que foram estas mesmas vitórias que levariam Atenas à hegemonia da aliança estabelecida em 478/477, a Liga de Delos[50]. Desta forma, por um lado a rememoração deste passado mostraria que os atenienses seriam os mais bem preparados para a liderança em uma guerra contra os bárbaros, por outro seria a reprodução de um presente, no qual os

[48] ISÓ. Pan.86. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.222. Grifos meus.
[49] ISO. Pan.92-93. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.223-224.
[50] JONES, P.V. *O mundo de Atenas*. p. 19. MOSSÉ, C. *Atenas*. p. 39.

lacedemônios, embora valorosos por serem helenos, não seriam os melhores líderes para a Hélade.

Também chama a atenção, que seu primeiro emprego do termo *pólemos,* no *Panegírico,* ocorra ainda no exórdio do discurso, na ocasião em que Isócrates brada "venho aconselhar a guerra contra os bárbaros e a concórdia entre nós"[51], fixando o tema central de seu discurso na guerra comum contra os persas e na paz entre os gregos. Ideia que iria ser reforçada em todo o seu discurso, chegando a afirmar que

> "...só esta guerra é melhor que a paz, parece uma procissão mais que uma expedição militar e convém tanto aos que preferem a tranquilidade como aqueles que desejam guerrear. Porque uns poderiam disfrutar tranquilamente do seu e os outros obter as maiores riquezas do alheio."[52]

Assim, neste ponto a valorização da guerra contra os persas atingiria seu ápice, sendo erigida acima da paz e descrita como um meio de conquista de riquezas. Isto em uma Atenas que passava por sérios problemas financeiros desde a perda de sua hegemonia, tanto por já não poder viver da exploração de seus aliados, quanto pelo desaparecimento de soldos e salários e a diminuição das atividades artesanais ligadas à guerra[53]. Desta forma, a guerra contra os persas apareceria como a resolução não apenas dos conflitos entre as *póleis*, mas também dos problemas financeiros daqueles cujo interesse fosse este.

Podemos pensar sobre até que ponto as ideias presentes neste primeiro discurso obtiveram algum sucesso, uma vez que apenas dois anos após este ser escrito, seu discípulo Timóteo estaria envolvido com a formação da chamada Segunda Confederação Marítima, em 378/377 a.C. Todavia, se por um lado a nova aliança propunha a liberdade e autonomia das cidades, se comprometendo, inicialmente, a não repetir os erros do passado, por outro já nascia com a finalidade de se impor sobre os lacedemônios para conseguir tal objetivo[54]. Desta forma, esta Confederação seria mais um desdobramento das

[51] ISÓ. Pan.3. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.201. Grifo meu.
[52] ISO. Pan. 182. ISÓCRATES. *Discursos I*. p. 248. Grifo meu.
[53] MOSSÉ, C. *Atenas.* p.102-105. MOSSÉ, C. O Homem e a Economia. In: VERNANT, J-P. *O Homem Grego.* Lisboa: Presença, 1994.p.44.
[54] MOSSÉ, C. *Atenas*. p.106-107. MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.* p.76-77.

guerras entre as *póleis*, não atingindo portanto os fins propostos por Isócrates – a união das cidades gregas contra os persas.

A continuidade das desavenças entre as *póleis* e as conquistas macedônias em território grego levariam o retórico ateniense a elaborar um novo discurso em 346, *Felipe,* cujo tema central seria ainda o ideal de união grega contra o *outro* persa, mas com a mudança no que diz respeito de quem deveria conduzir esta empreitada. Se antes eram os atenienses que deveriam liderar os gregos, agora Isócrates incita Felipe II da Macedônia a tomar para si este projeto: "creio que te convém se colocar a frente da guerra contra o rei, quando os demais se mostram tão covardes."[55]Sabe-se ainda de duas cartas anteriores a este discurso, a primeira de 367 endereçada a Dionísio, tirano de Siracusa, e a outra a Arquidamo III, rei de esparta, ambas aparentemente inconclusas, que igualmente tinham o objetivo de propagar seus ideais pan-helênicos e encontrar naquelas figuras os líderes para seu projeto[56]. Embora não seja a eles a quem Isócrates se refere no trecho citado, lembrar da existência destas cartas nos ajuda a entender que as mudanças dos contextos imediatos levaria o ateniense a buscar as alternativas que considerava mais apropriadas para o momento. Por fim, ao passo que Felipe aparece como uma grande ameaça, emerge também como a nova esperança.

Ademais, neste discurso o termo *pólemos,* quando vinculado a guerra contra os persas, mantém o caráter positivo já revelado no *Panegírico*, referindo-se sempre a uma expedição almejada. Entretanto, Isócrates alerta Felipe que "é fácil compreender que aqueles que deliberam corretamente não devem levar a guerra contra o rei antes de reconciliar aos gregos e fazer cessar a loucura na qual estão mergulhados."[57] Assim, podemos perceber que o autor, ao menos aqui, não apreende que a guerra contra os persas por ela mesma faça cessar as lutas na Hélade, mas entende que a reconciliação entre as cidades deva ocorrer antes de uma expedição contra o Rei.

[55] ISO. Fel.127. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.192. Grifo meu.
[56] ISÓCRATES. *Discursos II.* p.271-272.
[57] ISO. Fel.88. ISÓCRATES. *Discursos II.*p182.

1.2.2 - Quando a guerra se torna um problema

Como mencionamos anteriormente, o termo *pólemos* também é utilizado por Isócrates quando este se refere às guerras entre os gregos, destas 14 vezes no *Panegírico* e 9 no *Felipe*. Em ambos, o que se destaca é o caráter negativo atribuído às guerras entre eles, sempre causadoras de males e que por vezes ressalta que é disto que devem se livrar.

Logo, o que vemos é uma mudança de postura frente a ideia de guerra, uma vez que *pólemos* era utilizada tanto para se referir à guerra contra os bárbaros quanto entre as *póleis*, mas sem que o autor deixasse de matizar essas relações, afirmando que

> "Qualquer um pode notar que fizemos hinos da guerra contra os bárbaros e cantos fúnebres, por outro lado, das guerras entre os gregos; os primeiros cantamos nas festas, dos outros nos lembramos nas desgraças."[58]

Desta forma, se por um lado a guerra contra o bárbaro é colocada como honrosa, sendo digna da composição de hinos; por outro, neste momento, os conflitos entre as cidades se aproximam do que acontecia com a ideia da *stásis*, passando a ser vista também como uma desgraça a ser evitada. Assim, as guerras entre os gregos apareceriam nos discursos isocráticos como causadoras de males, tanto no passado quanto no presente. Com o objetivo de ressaltar a importância de sua cidade perante as demais, em seu *Panegírico*, o ateniense rememora o período das colonizações dizendo:

> "Por aquela mesma época, viu nossa cidade que os bárbaros ocupavam a maior parte do território, que os gregos, por outro lado, estavam encerrados em um pequeno espaço e que, pela insuficiência da terra, conspiravam entre eles e faziam expedições militares contra si; que uns morriam pela falta de sustento cotidiano e outros pela guerra. Estando assim a situação, não viu com indiferença, mas enviou generais às

[58] ISO.Pan.158. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.242. Grifo meu.

> cidades, que reuniram aos mais necessitados, se fizeram seus chefes militares e, depois de vencer aos bárbaros na guerra fundaram muitas cidades em um e outro continente, colonizaram as ilhas e salvaram tanto aos que os acompanharam como aos que ficaram."[59]

Podemos perceber, neste trecho, que o retórico demonstra haver uma divisão até mesmo territorial entre os gregos e os bárbaros desde tempos mais antigos. Sendo que o espaço grego tendo se tornado insuficiente fez com que se iniciassem guerras entre eles, estas por sua vez uma das causas de mortes no período. Além disso, como dito anteriormente, aqui Isócrates pretende mostrar a preeminência de sua cidade, desde períodos mais recuados, por isso, em sua elaboração são os atenienses os responsáveis tanto por levarem os gregos às colonizações[60], quanto pelas vitórias contra os bárbaros. Assim, seguindo a sua linha de pensamento os seus por sempre terem sido os primeiros e por sempre terem pensado no bem de todos deveriam ser os líderes dos gregos na sonhada expedição.

Do mesmo modo, quando trata das guerras que lhe são contemporâneas, em seu discurso *Felipe*, Isócrates comenta sobre os argivos:

> "Tão mal vão na guerra que falta pouco para que cada ano notem com impotência sua terra destruída e saqueada. E o pior de tudo: quando seus inimigos deixam de lhes fazer danos, eles mesmos matam seus concidadãos mais ilustres e ricos, e ao fazê-lo, desfrutam tanto como nenhum outro povo ao matar a seus inimigos. A causa de viverem com esta desordem não é outra que a guerra."[61]

Dos males trazidos pelas guerras, o ateniense destaca por um lado, os danos causados pelos inimigos dos argivos durante os conflitos, a destruição

[59] ISO. Pan.34-36. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.208.
[60] Sobre as colonizações, Claude Mossé comenta que o que se tem "trata-se em geral de relatos mais ou menos lendários que evocam seja uma crise interna, seja a miséria ou ainda a escassez territorial (*stenochoria*), sejam enfim razões particulares que conduziam um indivíduo a exilar-se com alguns companheiros." (MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega*.p.71). Assim, percebemos que o relato isocrático se pauta em uma tradição sobre a qual não temos muito conhecimento, mas que em seu período possuía certa legitimidade, mesmo que houvessem outras explicações para o acontecimento.
[61] ISO. Fel. 51-52. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.172-173. Grifos meus.

das terras e os saques – fatores que afetam imediatamente a vida cotidiana dos cidadãos e não cidadãos que vivem no local, a economia da cidade etc. – e por outro, os que eles próprios se causavam, o assassinato de seus concidadãos. Podemos notar, que desta vez Isócrates culpabiliza a guerra (*pólemos*) e não a revolta (*stásis*) pelas desavenças internas de uma das *póleis*, demonstrando que as relações entre elas afetavam também a política interna de cada cidade – e de forma negativa, como percebemos pelas acusações. Devemos lembrar que, como já comentamos, a própria cidade de Atenas já havia tido seu sistema modificado em períodos de hegemonia de Esparta, havendo até mesmo perseguição por parte dos atenienses pró-oligarquia aos democratas, além de mortes.

Isócrates acusa ainda, os gregos de fazerem tratados de paz em vão "porque não fazemos cessar as guerras, mas as adiamos e aguardamos a ocasião em que possamos nos causar algum mal irreparável"[62], bem como de deixarem o Rei persa arbitrar a paz entre eles, "Não fixamos as esperanças de salvação durante nossas guerras mútuas nele, que prazerosamente nos aniquilaria a uns e outros?"[63]. Indicando o desconforto causado tanto pela postura das *póleis* que não conseguiam resolver suas desavenças, sendo os tratados firmados insuficientes para dar fim às querelas, quanto pelo fato da arbitragem persa no tratado de paz de 386[64] (seis anos antes de escrever o *Panegírico*) que fixava o controle destes sobre as cidades da Ásia Menor, enquanto as outras permaneceriam autônomas[65].

Todavia, se é com contrariedade que, no *Panegírico,* o ateniense percebe a paz imposta pelo Rei persa, o qual descreve como "senhor da guerra"[66], no contexto de seu discurso *Felipe* podemos encontrar um contraponto quando o retórico questiona: "Como não crer que aqueles que estão em semelhante situação não verão com prazer uma paz imposta por um homem digno e que pode acabar com as guerras que sofrem?"[67]. Porém, não é a paz imposta que nos interessa no momento, mas a contraposição que se pode fazer entre o Rei

[62] ISO. Pan.172-173. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.245. Grifo meu.
[63] ISO. Pan. 121. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.232. Grifo meu.
[64] Segundo Mossé, esta teria sido proposta pelo Rei devido à preocupação com um possível renascimento da expansão ateniense. (MOSSÉ, C. *Atenas*.p.105.)
[65] JONES, P. *O mundo de Atenas*.p.45.
[66] ISO. Pan.121. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.232. Grifo meu.
[67] ISO. Fel. 50. ISÓCRATES. *Discursos II.* p. 172.

persa, descrito de forma negativa e ligado à guerra no que se refere aos males que podem vir dela, e o monarca Felipe II da Macedônia, que é apresentado como um homem digno e com o poder de acabar com os males trazidos pelas guerras entre eles.

Assim, ambos estariam de alguma forma implicados nestas guerras (*pólemos*) entre as *póleis*, mesmo sendo personagens *a priori* exteriores a elas[68], o que evidencia que as relações com o exterior da Hélade, também interferiam nos relacionamentos entre as *póleis*, mostrando que haveria diversos interesses em jogo neste período, que iriam até mesmo além da bipolarização costumeiramente citada – seja entre atenienses e espartanos, seja entre democratas e oligarcas. Entretanto, se inicialmente pensamos em Felipe II como bárbaro, devemos também levar em conta a construção retórica de Isócrates, que o insere dentro deste mundo civilizacional grego, tornando-o, como vimos, um contraponto ao Rei persa.

Devemos ainda, atentar para o contexto de elaboração do discurso *Felipe*, datado de 346, mesmo ano do tratado da Paz de Filócrates, após 11 anos de guerra entre atenienses e macedônios.[69] Indicativo de que talvez este monarca representasse o verdadeiro perigo, um inimigo como diria Demóstenes[70], e não mais o rei Persa – Artaxerxes III, que durante seu reinado de 358 a 338 parece ter se ocupado das próprias revoltas internas[71]. O que nos leva a pensar até que ponto este discurso não tenha sido uma tentativa do retórico de transformar em aliado aquele que poderia representar uma nova ameaça para Atenas, mais do que uma esperança naquele que veria como um grande líder.

[68] O caso de Felipe deve ser relativizado, pois apesar de macedônio, é descrito por Isócrates neste discurso como herdeiro da cultura grega, e desta forma tornado grego; todavia, outros como Demóstenes veriam este personagem como bárbaro. Portanto, levando em conta a falta de consenso, preferimos compreender o rei macedônio como proveniente do exterior da Hélade, e assim bárbaro dentro da concepção grega, mas que seria tornado grego a partir da construção retórica isocrática.

[69] JONES, P.V. *O Mundo de Atenas*. p.51-52.

[70] DEM. Contra Filipo, segundo discurso.6. DEMÓSTENES. Discursos Políticos I. Madrid:Gredos,1980. p.139.

[71] GIORDANI, M. C*. História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.p.341.

1.2.3 – As duas cidades e a guerra

Dentre os temas que destacamos relacionados ao substantivo *pólemos*, os dois que aparecem apenas no discurso *Panegírico* dizem respeito à colocação dos atenienses e dos lacedemônios a respeito das guerras – sendo 9 vezes referentes ao primeiro grupo, e apenas 2 ao segundo. Podemos compreender a elevação destas duas temáticas apenas neste discurso, devido ao contexto de sua elaboração em 380, no qual apesar das vitórias que possibilitaram a restauração da democracia na *pólis* de Atenas após 403, a influência espartana ainda se impunha – o próprio Isócrates faz menção às conquistas mais recentes na Mantinéia e Cadméia e ao cerco que se fazia às cidades de Olinto e Fliunte[72]. Assim, compreendendo que o objetivo central do autor, imerso neste contexto, seja propor uma paz comum entre os gregos para que se promova uma guerra contra os persas sob a hegemonia dos atenienses, parece natural que estes dois temas surjam neste discurso em diálogo com o termo *pólemos.*

Ao analisarmos estes trechos, percebemos que a contraposição entre as duas *póleis* se fazia, dentro da obra, também na relação que as cidades mantinham com as guerras: os atenienses sendo lembrados sempre em seus aspectos positivos, enquanto os lacedemônios apareceriam de forma negativa quando se tratasse do presente. Além disso, todas as ocasiões em que *pólemos* está ligado às questões atenienses encontram-se, dentro do esquema proposto por Juan M. G. Hermida, nas linhas referentes à "Atenas merece a hegemonia"[73], de tal modo que as menções a esta pretendem ressaltar os feitos atenienses para justificar a hegemonia pretendida por ele. Assim, ao falar de sua cidade, Isócrates exalta:

> "Tal é nossa grandeza, que existiu desde o princípio e foi doada pelo destino. De quantos benefícios temos sido autores para os outros, examinaríamos melhor se recorrêssemos pela ordem desde o princípio a história e as façanhas da cidade.

[72] ISO. Pan.126. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.233.
[73] ISÓCRATES. *Discursos I*. p.200.

> Descobriremos, com efeito, que ela tem a responsabilidade de quase tudo, tanto dos perigos bélicos como do restante da organização, segundo a qual convivemos, com a que nos governamos e pela qual podemos viver."[74]

Destacando a preeminência ateniense não apenas na guerra, mas também nos demais aspectos que se mostram relevantes no momento, ao mesmo tempo em que a coloca como a benfeitora por ter levado a eles os benefícios dos quais era portadora. Aqui, percebemos a escolha por assuntos relacionados com o que chamaríamos de política – a organização da *pólis* e seu governo – uma vez que a própria guerra (*pólemos*) assume esta conotação, interferindo diretamente nas relações internas das cidades, embora em outros momentos do discurso Isócrates trate de outras questões, tudo para demonstrar que sua *pólis* teria favorecido a Hélade nos mais diversos âmbitos – cultural, econômico, político etc.

Já no final de sua exposição dos motivos pelos quais acredita a melhor escolha para a liderança em uma aliança entre as *póleis,* o retórico interroga:

> "E se está a ponte de se produzir uma expedição militar contra os bárbaros, quem deve ter a liderança? Acaso não os que alcançaram maior fama na guerra anterior, correram perigos muitas vezes sozinhos e foram considerados os melhores nos combates comuns?"[75]

O autor já viria trabalhando a resposta para tais perguntas mesmo antes de as colocar – Atenas teria as melhores condições devido a toda a sua história de vitórias contra os persas e pelas dádivas que teria levado às demais cidades – mas não deixaria de reforça-la no tom de seus questionamentos. Embora compreendamos que o termo *pólemos* neste momento se associe ao fazer ateniense, este se liga também à guerra ocorrida no passado contra os bárbaros. É esta guerra passada, ou melhor, as vitórias conseguidas ao longo desta, que dariam legitimidade ao papel hegemônico pretendido pelo ateniense à sua

[74] ISO. Pan.26-27. ISÓCRATES. *Discursos I.*p.206. Grifo meu, percebemos que aqui o tradutor optou pelo vocábulo "bélicos" e não "guerras" para designar *pólemon.*
[75] ISO.Pan.99. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.225-226.Grifo meu.

cidade. Da mesma forma, Isócrates rememora a guerra contra os persas para mostrar a participação das duas *póleis* que então disputavam o comando dos gregos.

> "Pois quando os persas desembarcaram na Ática, os atenienses não aguardaram a seus aliados, mas fizeram da guerra comum a sua particular. Saíram ao encontro dos que desprezavam a toda a Grécia apenas com o próprio exército, uns poucos contra muitos milhares, como se fossem por em perigo a vidas alheias. Os lacedemônios tão pronto souberam que havia guerra na Ática, descuidaram de todo o resto e chegaram em nossa ajuda com tanta pressa como se fora a sua terra a sitiada."[76]

O retórico desenha um passado no qual as duas cidades se juntaram contra os bárbaros em proteção à Hélade. Assim, a guerra (*pólemos*) aparece como um motivo de união entre as *póleis* no passado, justificando o desejo de uma nova aliança no presente, tanto por elevar a guerra contra os persas como objetivo pautado no passado comum, quanto por validar a retaliação – uma vez que teriam sido inicialmente invadidos. Além disso, é notável que Isócrates tenha utilizado o passado para demonstrar que os lacedemônios também foram responsáveis pela proteção das cidades, entretanto é pelo presente que os acusa.

> "Ao refletir sobre estes feitos, é justo se indignar pela situação presente, desejar nossa hegemonia e reprovar aos lacedemônios, porque a princípio chegaram a se por em pé de guerra com o pretexto de liberar aos gregos, mas no final entregaram muitíssimos deles aos bárbaros; porque desterraram aos jônios de nossa cidade, da que os mesmos jônios haviam emigrado e graças a qual salvaram muitas vezes, e porque os entregaram aos bárbaros, cuja terra ocupam, apesar feles, e contra os que nunca deixaram de brigar."[77]

[76] ISO. Pan.86. ISÓCRATES. *Discursos I.*p.221-222.Grifos meus.
[77] ISO. Pan. 122. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.232.

Se anteriormente os lacedemônios trabalharam pelo bem dos gregos, agora utilizavam a guerra entre eles, ou contra a hegemonia ateniense, como pretexto de libertá-los, mas os entregariam aos bárbaros. Desta maneira, percebemos a diferenciação que o autor faz entre passado e presente, necessária dentro do discurso para mostrar a capacidade lacedemônia de lutar pelos interesses da Hélade, sem deixar de denunciar seus erros presentes – as intervenções nas políticas internas das *póleis* e as negociações com os bárbaros, este último, visível neste trecho. Além disso, estes desacertos corroborariam o pensamento de que Atenas seria a melhor opção para a liderança em uma excursão contra os persas.

Por fim, é possível notar que quando a guerra (*pólemos*) aparece na descrição de como estes dois grupos agiram perante ela, esta remete também ou à guerra contra os persas, ou a guerra entre os gregos. Assim, quando remete à primeira, demonstra os aspectos positivos em relação ao *pólemos*, e os aspectos negativos serão vistos quando em diálogo com as guerras entre gregos.

1.2.4 – Felipe II e as guerras

Da mesma maneira que no *Panegírico*, no discurso *Felipe* podemos encontrar o termo *pólemos* se referindo a temáticas próprias de seu período. Lembrando que, embora o discurso seja do mesmo ano do acordo de paz, a guerra entre Felipe e os atenienses se arrastava desde a tomada de Anfípolis pelo monarca em 357, entretanto se por um lado este acumulava vitórias, expandindo seus poderes em regiões da Tessália, Trácia e Calcídia, o poderio ateniense se esvaia não só devido aos combates contra este, mas também com a Guerra dos Aliados (357-355) e o fim da Segunda Confederação Marítima, em 354.[78]

Assim, dois assuntos que nos saltam aos olhos dizem respeito à questão da guerra entre os gregos e macedônios (aparece 6 vezes) e ao monarca Felipe

[78] JONES, P.V. *O Mundo de Atenas*. p.49-52. MELERO, R.L. *Filipo, Alejandro y el mundo helenístico.* Madrid: Arco Libros, 2006. p.10-13.

II (3 vezes). Se seguirmos o esquema de Hermida, encontraremos 5 das ocorrências sobre a guerra entre eles e 1 sobre Felipe II logo em sua introdução, onde Isócrates apresenta o propósito deste discurso. Sendo o primeiro uso do termo *pólemos* para se referir à disputa por Anfípolis:

> "Ao ver, com efeito, que a guerra que se iniciou entre ti e nossa cidade por Anfípolis é causa de muitos males, pretendi falar sobre esta cidade e seu território com argumentos que não foram iguais aos de teus companheiros nem de nossos oradores, mas muito distante de sua maneira de pensar. Porque estes os empurravam para a guerra, falando de acordo com vossos desejos. Eu, por outro lado, não mostrava opinião alguma sobre o que se discutia, e me ocupava do argumento que me parecia mais apropriado para a paz, ao dizer que ambos se equivocam no assunto: tu fazes a guerra em favor de nossos interesses e a cidade em benefício de teu poder."[79]

Assim, logo no início do discurso o retórico quer chamar a atenção de Felipe para os males trazidos pela guerra entre este e a sua cidade, enquanto denuncia a posição daqueles que teriam se colocado a favor desta guerra, pois estariam agindo de acordo com interesses pessoais, e não pelo bem mútuo. Por esta conotação negativa a respeito da guerra entre eles, podemos pensar que desde o início de seu discurso Isócrates iguala, de certa maneira, estes aos conflitos ocorridos entre as *póleis* gregas, e as denúncias feitas em seu *Panegírico*. Entretanto, se em 380 o ateniense ainda conseguia ver um cenário favorável à hegemonia de sua cidade, agora suas esperanças só poderiam ser depositadas naquele que havia emergido como uma nova ameaça. Desta forma, o retórico toma para si, neste novo discurso, o papel de aconselhar o monarca à promover a paz entre os gregos e se colocar contra o inimigo persa. O próprio autor comenta durante sua exposição que

> "...eu que desejo te enviar um discurso não para fazer um alarde retórico nem para elogiar as guerras que tens levado a cabo, coisa que outros farão, mas para tentar dirigir tua atenção a

[79] ISO. Fel. 2-3. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.160.

> façanhas mais apropriadas, belas e úteis que as que agora estás empreendendo..."[80]

Deixando claro que não é sua intenção fazer elogios com relação às guerras que Felipe estava promovendo e sim orientá-lo – demonstrando quais seriam as necessidades das *póleis* e como o monarca poderia se beneficiar se conseguisse as unir, para então fazer uma guerra na qual Isócrates acreditava ter algo de virtuoso. Além disso, transparece que se não faz elogios não é apenas porque outros os farão, como ele mesmo afirma, mas também por se posicionar contra as guerras que ocorriam no interior da Hélade.

Da mesma maneira, nas linhas que tratam sobre as disputas entre os macedônios e atenienses por Anfípolis, Isócrates já tratava da natureza de seus discursos como conselhos, dando a entender ainda que haveria um público que desejava que Felipe os considerassem:

> "...aqueles que me escutavam esperaram que quando meu discurso fosse divulgado, vocês cessariam a guerra e, reconhecendo vosso erro, traçariam algum bem comum para vocês. Se tua opinião era equivocada ou correta, é cosia que, em justiça, a eles os corresponde."[81]

Aqui o termo *pólemos* se coloca ao lado tanto da vontade de que o monarca macedônio interrompa a guerra contra populações gregas quanto, indo além, propõe que reconheça seus erros. Assim, reforça-se o caráter negativo desses conflitos e a necessidade de não "prolongar os males que derivam da guerra"[82], mas encontrar uma forma de promover algum bem. Além disso, não deixa de sutilmente culpabilizar Felipe pelas desavenças entre ele e sua cidade.

Entretanto, se Isócrates inicialmente repreende o monarca com relação a estas guerras, por outro lado não deixará de elogiá-lo mais adiante, uma vez que parte de sua construção retórica pretende justificar, agora aos gregos, uma liderança de Felipe em uma nova aliança grega que se coloque contra os persas. O retórico alega:

---

[80] ISO.Fel.17. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.164. Grifo meu.
[81] ISO. Fel.7. ISÓCRATES. *Discursos II.* p. 161. Grifo meu.
[82] ISO.Fel.7-8. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.161. Grifo meu.

> "Todavia intentaria te aconselhar sobre a forma de guerra com a qual mais rapidamente vencerias a força militar do rei. Mas temo agora que alguns nos censurem, se me atrevesse a te aconselhar, a ti que tens realizado as mais importantes e maiores façanhas na guerra, yo que nunca tratei de assuntos militares."[83]

Se a guerra contra os persas é elevado como fator fundamental pelo ateniense, não caberia a ele, segundo a sua própria construção, aconselhar o macedônio no que diz respeito ao fazer da guerra, pois esta seria a área de conhecimento de Felipe. Do mesmo modo que em seu *Panegírico* considera que as façanhas realizadas no passado pelos atenienses justificassem uma nova liderança sobre as demais *póleis*, neste discurso posterior argumenta que o monarca seria o melhor preparado pelo que vinha realizando em termos militares – seria novamente a experiência um fator essencial.

Além disso, mesmo havendo certa simetria em relação aos dois discursos analisados – que possibilita entendermos que em *Felipe* o lugar ocupado pela Macedônia tenha sido deslocado para o interior da Hélade, através das atribuições negativas que a guerra (*pólemos*) entre os macedônios e gregos adquire, do mesmo modo que é colocada a guerra (*pólemos*) entre os gregos – ainda podemos nos questionar até que ponto o retórico defendia a identificação deste monarca como pertencente à uma cultura grega. Porém, quando novamente quer demonstrar a grandeza de Felipe perante à guerra (*pólemos*) para convencer a todos que este seria capaz de fazer frente aos persas, afirma:

> "Não desconheço que muitos gregos consideram invencível o poder do rei. Há que se admirar deles, se pensam que um poder conquistado e afligido com a escravidão por um homem bárbaro e mal educado, não pode ser destruído com a liberdade por um grego muito experiente na guerra, e isso sabendo que organizar tudo é difícil, e fácil, por outro lado, o desunir..."[84]

[83] ISO. Fel. 105. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.186. Grifo meu.
[84] ISO. Fel. 139. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.194-195.

O termo *pólemos* surge neste momento tanto para qualificar Felipe, quanto demonstrar a viabilidade da única guerra com a qual concordava. E principalmente, percebemos a contraposição que se faz entre o rei persa e o monarca macedônio, na qual o primeiro aparece ligado a características negativas, depreciadas pelo autor (poder conquistado, escravidão e falta de educação), enquanto Felipe estaria ligado ao contraponto positivo (liberdade e experiência); indicando os atributos que estariam ligados ao que ele pensava, ou pretendia, ser bárbaro e grego. Além disso, neste momento o macedônio aparece citado como "um grego" sendo nominalmente inserido em uma identidade grega.

1.3 – COM QUEM SE FAZ A PAZ?

Em meio a tantas guerras e diferentes níveis de conflitos surgiria uma linha de pensamento que a historiografia convencionou chamar de pan-helenismo, na qual se inserem os dois discursos de Isócrates[85] que estamos analisando neste trabalho – o *Panegírico* e o *Felipe*. Esta corrente tinha por objetivo propor a união das *póleis* e a realização de uma expedição comum contra o inimigo bárbaro, assim o que iria diferir entre os autores e períodos seria o modo pelo qual estas poderiam ser concretizadas[86]. Retomando nossas fontes, podemos pensar que nos idos de 380 a questão das relações com a Macedônia não se fazia tão presente quanto em 346, por isto, o segundo discurso apresentaria também a inserção de Felipe numa identidade grega e uma paz permanente com o monarca. Além disso, há uma mudança de posicionamento sobre como a paz entre os gregos deveria ser feita, uma vez que no *Panegírico* esta seria realizada perante a liderança ateniense em uma expedição contra os persas, e no *Felipe* seria o monarca macedônio que deveria se responsabilizar por uma paz comum.

[85] Além de duas de suas cartas – *Carta a Dionísio* e *Carta a Arquidamo.*

[86] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.*p.220. HERMIDA, J.M.G. Introducción General.p.10-11. ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo. p. 76.

Todavia, Borja Antela-Bernárdez explica que apesar de pan-helenismo ser um termo próprio do mundo grego não era utilizado no sentido que dele nos valemos atualmente, mas para falar sobre as migrações e colonizações durante o período arcaico. Além disso, comenta que o termo não era usado por eles para se autonomearem, pois para isto utilizariam *Helenos* – mas ressalta que este apenas quando em relação ao bárbaro, em outras ocasiões prevaleceriam os termos que designavam cada uma das *póleis*[87]. Por outro lado, mesmo a denominação de *Helenos* apareceria somente mais tardiamente equivalendo aos habitantes daquela região[88].

Cientes destas diferenças de concepções, optamos por empregar o termo pan-helenismo no sentido que este apresenta na historiografia, ou seja, para designar esta linha de pensamento que buscava a solução para as desavenças do período, propondo uma união grega para levar a cabo uma expedição contra os bárbaros. Assim, compreendemos que Isócrates se insere nesta corrente que já vinha se delineando muito antes de seus discursos, tendo sua tradição vinculada por um lado aos poemas Homéricos e os Jogos Olímpicos, que apareceram muito cedo como sintomas desse sentimento de pertença a uma identidade grega, por outro aos sofistas do século V como precursores mais diretos deste pensamento.

Como demonstra José Ribeiro Ferreira, o sentimento de unidade helênica foi sendo construído e fortalecido gradualmente durante os períodos arcaico e clássico, a partir da observação de traços comuns entre os gregos e de sua distinção de povos não-gregos[89]. Do mesmo modo, segundo François Hartog, seria entre os séculos V e VI que o termo *bárbaros* ganharia o sentido de não-grego, ao passo que a Guerra entre Gregos e Persas seria a catalizadora que daria à terminologia um rosto persa[90]. Assim, podemos compreender que será através deste binarismo que Isócrates procurará fundamentar seus discursos já no século IV, expondo os motivos pelos quais acredita ser necessária e possível uma paz entre os gregos e incitando a uma guerra contra os persas. Desta forma,

[87] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo. p.76.
[88] VIDAL-NAQUET,P. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.37-39. FERREIRA, J.R. Hélade, Pan-helenismo e Identidade Helénica. p. 15-24.
[89] FERREIRA, J.R. Hélade, Ibid. p.15-16.
[90] HARTOG, F. *Memória de Ulisses:* Narrativas sobre fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.108.

para tentar entender um pouco melhor a proposta de união deste ateniense, procuramos isolar novamente alguns substantivos gregos, mas que desta vez trouxessem uma conotação de paz ou de conciliação e que encontrassem algum eco na historiografia, chegando à *eiréne* e *eúnoia* – que aparecem no *Panegírico*, respectivamente 12 e 1 vezes, e no *Felipe* 5 e 7.

1.3.1 – Paz: entre a aspiração e a acusação

Dentre os dois termos, *eiréne* parece ser o mais citado pela historiografia e pode ser traduzido simplesmente por "paz", costumeiramente sendo referida como *Koiné Eirene* para designar uma paz comum às cidades gregas. Além disso, esta apareceria como uma manifestação do sentimento de pertencimento durante o momento conflituoso do século IV, sendo expressa através das várias alianças e acordos[91]. Ainda, segundo Borja Antela-Bernárdez,

> "la *Koiné Eirene* o "Paz Común" es la materialización en política de las pretensiones de los defensores del pan-helenismo, pero, más aún, es también una condición *sine qua non* de cualquier ideología panhelénica, y aparece como el primer passo para la aplicación de del pan-helenismo."[92]

Assim, podemos perceber que, dentro desta mesma lógica, Isócrates apresenta um posicionamento de certa forma ambíguo. Se por um lado a intenção do retórico é propor uma paz comum às *póleis*, como podemos perceber em sua fala, em seu *Panegírico*:

> "É simples e fácil o discurso que trata sobre isto: não será possível que guardemos uma paz estável a não ser que façamos a guerra comum contra os bárbaros, nem que os gregos estejam

[91] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.* p.220-221. ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo. p.77.
[92] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo. p.77.

> de acordo antes que obtenhamos ajuda de nós mesmos e soframos perigos contra os mesmos inimigos."[93]

Compreendemos que além da paz ser um desejo, esta também dependeria de uma guerra comum contra os persas e do acordo entre as cidades; portanto, estando as duas ideias estreitamente ligadas. Do mesmo modo, era necessário que esta fosse uma paz estável, contraposta à Paz do Rei, de 386, que havia sido violada poucos anos depois. Além disso, como vimos anteriormente, a guerra contra os persas é elevada como solução pois além da questão econômica, possibilitaria a eles viverem como ansiassem – seja na guerra ou na tranquilidade[94].

Por outro, esta paz (*eiréne)* é retratada de forma negativa ao menos em dois momentos: o primeiro, quando ela se associa aos acordos de paz que eram sistematicamente rompidos, se queixando comenta que "agora, em vão fazemos cessar a paz: porque não fazemos cessar as guerras..."[95], chegando até a acusar os lacedemônios de "que depois de se firmar a paz arrasaram a cidade de Mantinéia, se apoderaram de Cadméia e Tebas, agora sitiam Olinto e Fliunte"[96]. O segundo, quando esta era realizada pelo rei persa:

> "(...) mas agora é o Rei quem governa os assuntos dos gregos, ordena o que cada um deve fazer e só lhe falta impor governantes nas cidades. Pois, salvo isto, o que lhe falta fazer? Não foi senhor da guerra, dirigiu a paz e se fez árbitro dos assuntos presentes?"[97]

Em meio a tantas acusações, percebemos que não seria qualquer paz que Isócrates almejava, mas uma conciliação definitiva entre as *póleis* gregas e que não incluiria os persas – até mesmo porque seria a guerra comum contra este que possibilitaria a união entre as cidades. Além disso, o autor possibilita que vislumbremos o caráter efêmero dos acordos que eram firmados em seu período, uma vez que acusa os lacedemônios de irem contra outras *póleis* após

[93] ISO. Pan. 173. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.245-246. Grifo meu.
[94] ISO. Pan.182. ISÓCRATES. *Discursos I.* p.248.
[95] ISO. Pan.172. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.245. Grifo meu.
[96] ISO.Pan.126. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.233-234. Grifo meu.
[97] ISO. Pan.120-121. ISÓCRATES. *Discursos I.* p.232. Grifo meu.

terem feito a paz ao lado do Rei persa, em 386. Todavia, para Isócrates torna-se lícito esquecer-se deste tratado se o objetivo for a guerra contra o bárbaro:

> "Mas acaso se diga que há que esperar por causa dos tratados, e não se apressar nem fazer com demasiada rapidez a expedição. Pois, por esses tratados, as cidades livres devem agradecimento ao Rei, como se tivessem esta autonomia graças a ele, e as que tem sido entregues aos bárbaros, acusam sobre tudo aos lacedemônios e também aos demais que fizeram a paz, de que foram obrigados por eles a ser escravos."[98]

Entretanto, este tratado de paz poderia ser, ou deveria, ser quebrado por ter sido instituído pelo Rei persa e estar ligado à ideia de escravidão, por acabar submetendo as *póleis* aos interesses dos bárbaros. Também demonstra sua insatisfação com esta intervenção persa, pelo fato do Rei estar galgando alguma glória com o tratado firmado, ao passo que denuncia aos lacedemônios que a eles fora vinculado apenas o que houve de negativo. Assim, a própria relação destes com os bárbaros faria com que eles não fossem os melhores indicados para a liderança das *póleis*, uma vez que além de serem os responsáveis pela paz consolidada com o persa, da qual não obtiveram boa fama, ainda acabariam descumprindo o próprio tratado que ajudaram a realizar. Além disso, nos tempos do *Panegírico*, o retórico propunha que a hegemonia deveria pertencer aos atenienses pois, segundo o retórico, "Nem a paz nem a autonomia que sem existir nas constituições está escrita nos tratados, são preferíveis a nosso governo."[99] Elevando o governo de sua cidade à autoridade dos tratados.

Por outro lado, no discurso *Felipe* o ateniense passa a justificar a liderança do monarca macedônio, e dentro deste espectro de compreensões sobre a paz, podemos perceber uma diferenciação entre este e o Rei persa. Se a paz que fora estabelecida pelo Rei em 386 é vista pelo autor de forma quase ilegítima, uma vez que demonstra em seu *Panegírico* a insatisfação com a interferência persa nos assuntos gregos; o mesmo não se pode dizer de uma paz que fosse fixada por Felipe II, já que Isócrates pretende aconselhá-lo a promovê-la para depois levar os gregos a uma expedição contra os persas. Chega mesmo a

[98] ISO. Pan. 175. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.246. Grifo meu.
[99] ISO.Pan.115. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.230.

questionar: “Como não crer que aqueles que estão em semelhante situação não verão com prazer uma paz imposta por um homem digno e que pode acabar com as guerras que sofrem?”[100] Trazendo um valor positivo a uma paz que fosse imposta pelo macedônio, colocando-o como uma homem digno, simetricamente oposto ao Rei persa.

1.3.2 – Concórdia: uma busca pelo entendimento

O segundo termo que isolamos, *eúnoia*, também deixa transparecer a diferenciação no tratamento por Isócrates sobre os macedônios e persas, mas antes de passarmos às fontes devemos entender um pouco do significado deste termo. Antela-Bernárdez ao explicar o vínculo entre hegemonia e justiça para Isócrates aponta que a última se expressaria dentro da obra isocrática através do termo *eúnoia*, “que podríamos traducir como aprobación, simpatía y buena voluntad, y el cuál Isócrates comprende que debería ser el elemento regulador de las relaciones intergubernamentales en materia de política exterior en Grecia.”[101] Além disso, em outros momentos do texto o autor utiliza o termo como sinônimo de concórdia[102] ao se referir aos objetivos do pan-helenismo. Desta forma, a partir destas ideias compreendemos que o vocábulo *eúnoia* agrega em si o sentido das condições necessárias para que se construa um bom relacionamento, no caso entre as *póleis*, necessário para pôr fim nos conflitos, e por isto utilizado também com o significado de concórdia.

Se *eúnoia* agrega em si as condições para que as cidades tenham um bom relacionamento, o que poderia levar a uma paz talvez mais duradoura, podemos perceber que no *Panegírico* esta está estritamente ligada à guerra contra os persas:

> “É simples e fácil o discurso que trata sobre isto: não será possível que guardemos uma paz estável a não ser que façamos

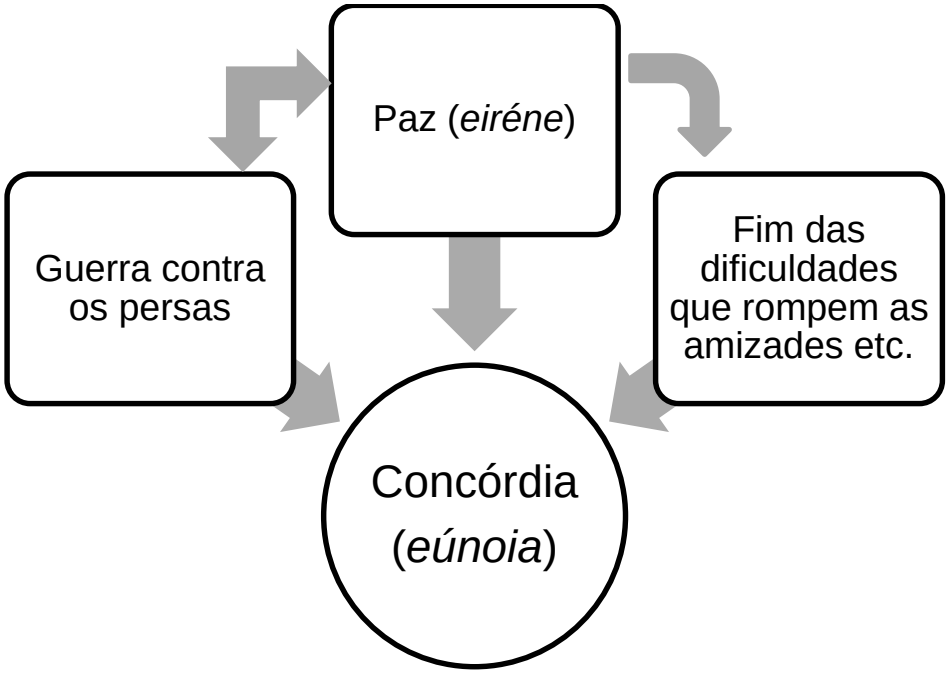
[100] ISO.Fel.50. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.172.
[101] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo. p. 72.
[102] Como se pode verificar nas páginas 77, 79 e 87.

> a guerra em comum contra os bárbaros, nem que os gregos estejam de acordo antes que obtenhamos ajuda de nós mesmos e aguentemos perigos contra uns mesmos inimigos. Quando isto ocorrer, e desaparecer a dificuldade de nossa vida que rompe as amizades, conduz os parentes ao ódio e empurra a todos os homens a revoltas e guerras; será impossível que não estejamos de acordo e tenhamos uma autêntica concórdia entre nós." [103]

Percebemos que neste momento Isócrates coloca a guerra como contra os bárbaros como necessária não apenas para que se estabeleça uma paz estável, mas seria também para que se chegasse a uma autêntica concórdia (*eúnoia*). Do mesmo modo, percebemos a existência de uma relação entre paz (*eiréne*) e concórdia (*eúnoia*), uma vez que ambas dependeriam desta guerra em particular, todavia não parecem representar a mesma ideia. Talvez a diferença entre elas esteja relacionada com a questão mais "institucional", de uma paz vista como os tratados que foram diversas vezes firmados entre as *póleis*, e até mesmo podendo ser dirigida pelo Grande Rei, e principalmente, que foram frequentemente rompidos. Assim, pensamos que se por um lado a paz (eiréne) acabaria aparecendo como um elemento que não apresentaria a garantia de uma boa convivência entre as cidades; por outro a concórdia (*eúnoia*) representaria uma relação quem sabe mais permanente por se basear em uma "aprovação, simpatia e boa vontade" entre elas.

Estas relações também poderiam ser sintetizadas pelo seguinte quadro:

[103] ISO.Pan.173-174. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.246. Grifo meu.



Nele encontramos, primeiro a ligação entre a guerra com os persas e a paz (*eiréne*) entre os gregos e destas com o fim das dificuldades pelas quais os passavam. E então, a conexão de todas elas com a concórdia (*eúnoia*), pois esta apareceria como o fim último do processo – como também de seus discursos.

Todavia, no discurso *Felipe* esta ordem parece inverter-se:

> "Creio que o começo do conjunto do discurso o fiz como convém àqueles que aconselham a marchar em expedição contra a Ásia. Porque não se deve atuar se antes não se consiga que os gregos cooperem ou que mostrem muito boa disposição para estas empresas."[104]

Neste momento, a *eúnoia* (traduzida como "boa disposição") deixa de ser o ponto de chegada, passando a ser o fator essencial para que se faça a guerra contra aqueles que via como os inimigos. Pensamos que talvez esta inversão se justifique pelos contextos de elaboração, a continuidade das guerras, a criação e fim da Segunda Confederação Marítima Ateniense, podem ter contribuído para que passasse a perceber que a necessidade de manterem boas relações urgia, trocando a ordem dos fatores. Mas se isto não passa de especulação, ao menos podemos afirmar que as concepções de guerra contra os bárbaros e concórdia (*eúnoia*) entre os gregos permanecem interligadas nas duas obras,

[104] ISO.Fel.86. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.181. Grifo meu.

demonstrando que dentro de seu pensamento uma seria a condição para a existência da outra.

Se a concórdia (*eúnoia*) entre as *póleis* é também o objetivo dos discursos, devemos notar que no *Felipe* o retórico enfatiza a importância de que as relações entre o monarca macedônio e os gregos seja feita sob a égide da concórdia (*eúnoia).* Na passagem que consideramos a mais emblemática a este respeito, Isócrates alerta Felipe II:

> "Veja que vale a pena querer com afã estas empresas porque, se triunfa nelas, adquirirás um prestígio comparável aos primeiros e, se fracassas em tuas esperanças, ao menos conseguirás a boa disposição dos gregos, proveito muito mais belo que conquistar pela força cidades gregas."[105]

Aqui a *eúnoia* (novamente traduzida como "boa disposição"), demonstrando novamente uma intenção positiva, agora dos gregos para com Felipe. De tal modo que o retórico aconselha o monarca a leva-los em guerra contra os persas, pois mesmo que fracassassem este conquistaria a boa disposição das *póleis*, o que em seu entendimento deveria ser algo desejável. Além disso, neste momento a *eúnoia* aparece como uma característica grega em direção ao rei macedônio, porém adiante esta estará elencada como uma das qualidades de seu ancestral, Hércules, as quais ele poderia se equiparar.[106] Desta maneira, percebemos outra vez a diferença com que o ateniense trata o macedônio e os persas, pois se Felipe deve não apenas desejar, mas também manter a concórdia (*eúnoia)* com as cidades gregas, os persas além de permanecerem alijados dela, só seriam relacionados a ela através da guerra na qual apareceriam como os inimigos.

[105] ISO.Fel.68. ISÓCRATES. *Discursos II*. p. 177. Grifo meu.
[106] ISO.Fel.114. ISÓCRATES. *Discursos II*. p. 188-189.

2 – A EDUCAÇÃO ACIMA DO SANGUE

Em meio aos diversos níveis de conflitos que se arrastavam do século V ao século IV, Isócrates buscava meios para colocar fim aos males que afligiam as *póleis* gregas. Todavia, percebemos que, ao mesmo tempo, este definia com quem deveria se fazer a guerra ou a paz, deixando transparecer uma série de identidades complexas que se relacionam de modos variados – por vezes se antagonizando, outras se permeando. Além disso, se quando falamos sobre o mundo grego a primeira oposição que nos salta aos olhos é entre gregos e bárbaros, esta seria também a maior dentre as oposições encontradas dentro da obra isocrática. Partindo deste panorama passamos a nos questionar sobre o que constituiria o "ser grego" para este retórico ateniense, e é dentro do *Panegírico* que este nos traz uma indicação valiosa dizendo que naquele momento se chamariam "gregos mais aos partícipes de nossa educação que aos de nosso mesmo sangue."[107]

Embora neste caso tenha utilizado o termo *paideúsis*, a educação a que se refere Isócrates é aquela designada pela historiografia como *paidéia* grega. Segundo Giuseppe Cambiano, esta se diferenciaria de aprendizados como o de artesões e médicos, sendo uma educação voltada para aqueles que viriam a ser maridos e pais, cidadãos, defensores e condutores políticos da cidade. O autor demonstra tanto o papel das festas religiosas e dos jogos para a transmissão dos valores da *pólis*, quanto da formação gímnica e da leitura, escrita e música[108]. José Ribeiro Ferreira segue o mesmo caminho, revelando o passado comum da educação em Atenas e Esparta, ambas inicialmente voltadas à defesa da cidade, mas que se diferenciariam ao passo que para os atenienses isto não se tornaria uma obsessão[109], uma vez que incluiriam em seu currículo um conjunto de saberes que iria além da preparação para o combate físico. Estes autores também apontam para o surgimento do ensino dos sofistas, que apareceria para suprir as novas demandas vindas do próprio desenvolvimento

[107] No original, *paideúseos*. ISO.Pan.50. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.212-213.
[108] CAMBIANO, G. Tornar-se Homem. In: VERNANT, J-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. p.81-92.
[109] FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: LEÃO, D.F.; FERREIRA, J.R.; FIALHO, M.do C. *Cidadania e Paideia*: na Grécia Antiga. Coimbra: CECH, 2010. p.13-25.

interno da *pólis*, agregando um ensino pragmático composto de técnicas de argumentação e persuasão. Além disso, atentam para o alto custo dessa nova educação, uma vez que o ensino ateniense era pago, podendo ser usufruído apenas pelos filhos dos membros mais abastados daquela sociedade[110].

A retórica de Isócrates será herdeira desta nova tradição que toma conta da Hélade, embora divergisse dela e até mesmo a criticasse em determinados aspectos como demonstram autores como John Poulakos e Ekaterina Haskins. O primeiro, analisa a diferença de concepções de *logos* (discurso) entre os sofistas e Isócrates, sendo que para aqueles o *logos* se associaria à ideia de *dynástes* (senhor) e visto como um meio poderoso àqueles que o dominassem; já para o retórico ateniense, o *logos* estaria ligado ao conceito de *hegemón* (líder) enfatizando a habilidade de liderança e apontando para o ideal pan-helênico de unificação[111]. Partindo das ideias deste, Haskins demonstra que se por um lado, a concepção sofista tendia para a descentralização do poder cultural e político, por outro Isócrates buscaria sua consolidação, posições que a autora afirma que apesar de distintas, seriam tentativas de resolverem as exigências do período[112]. Todavia, se esta autora demonstra que a sofística aponta para a descentralização, percebemos que Aguirre acentua o caráter cosmopolita daqueles que deixavam suas *póleis* de origem para ensinar em diferentes localidades da Hélade[113], contribuindo para a troca de conhecimentos entre as cidades, mas com a desvantagem de não se estabelecerem em nenhuma. Por esse motivo, Poulakos aponta a importância da criação da escola isocrática, que possibilitaria uma educação sem as interrupções proporcionadas pelo deslocamento contínuo dos sofistas pelas *póleis* gregas. Além disso, teria inovado a retórica ao se concentrar em temas significantes e que contribuíssem para a vida do público[114]

Assim, podemos compreender que a educação grega, colocada por Isócrates como elemento essencial de coesão, é também construída pelas *póleis*

[110] CAMBIANO, G. Tornar-se Homem. p.95. FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas. p.36-38.
[111] POULAKOS, J. Rhetoric and Civic Eduation: from the Sophists to Isocrates. In: POULAKOS, T.; DEPEW, D. *Isocrates and Civic Education.* United States of America: University of Texas press, 2004. p.69-73.
[112] HASKINS, E. *Logos* and Power in Sophistical and Isocratean Rhetoric. In: POULAKOS, T.; DEPEW, D. *Isocrates and Civic Education.* United States of America: University of Texas press, 2004. p.85.
[113] AGUIRRE, J. Panhelenismo y Cosmopolitismo en el Pensamiento Griego Antiguo. In: MOYANO, E.R.(ed.) *Curso de Cultura Clásica 2009*. Universidad del País Vasco, 2011. p.14.
[114] POULAKOS, J. Rhetoric and Civic Eduation. p.74-76.

e suas necessidades ao longo de toda a sua história. Entretanto, não devemos acreditar que houve consenso sobre os conhecimentos e formas de ensino que, segundo os pensadores do período, seriam os imprescindíveis. Se como vimos, mesmo Isócrates tendo se beneficiado da tradição sofística, este apresentaria críticas à ela, não podemos acreditar que contra este e sua retórica não houvessem oposições. Dentre os seus oponentes, o que se destaca a nível educacional é Platão, cujos ataques se voltariam tanto para a sofística quanto para a retórica isocrática. Werner Jaeger, ao abordar esta disputa a respeito da *paidéia*, expõe a crítica platônica que se volta contra o fato dos sofistas focarem o ensino da persuasão e da forma e pela despreocupação com as finalidades e os valores – o que a tornaria, a seu modo de ver, um ensino técnico e amoral[115]. Também aponta para a oposição entre a dialética de Platão e os discursos retóricos, relação melhor explicada por Samuel IJsseling que apresenta o monólogo (retórico) como uma desigualdade e assimetria de relações, estando no domínio da autoridade e do poder, enquanto o diálogo (platônico) seria caracterizado pela igualdade e simetria, ficando sob o domínio da liberdade e racionalidade. Estes dois modos de expressão de conhecimentos estariam ainda ligados aos critérios de verdade separados por Platão, no qual o monólogo se associaria à ideia de *doxa* e o diálogo à *episteme* – a primeira pensada como mera opinião ou convicção, a outra, como um conhecimento verdadeiro[116].

Além disso, se por um lado os autores trazem a luz as divergências entre Platão e os sofistas, dentre os quais acabam por inserir Isócrates, por outro se esforçam em diferenciar este dos demais sofistas, colocando-o quase como um meio termo entre estas duas "escolas", segundo Jaeger ao retórico ateniense caberia

> "encontrar um meio termo entre a indiferença moral da educação retórica anterior e o critério platônico que consistia em reduzir a política à ética e que praticamente nos fazia voltar as costas a toda a política. A nova retórica tinha de encontrar um objetivo

[115] JAEGER, W. *Paidéia:* a formação do homem grego. São Paulo: Martin Fontes, 2001.p.1060-1094.
[116] IJESSELING,S. Rhétorique et Philosophie. Platon et les Sophistes, ou la Tradition Métaphysique et la Tradition Rhétorique. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Quatrième serie, tome 74, n.22,1976. p.196-202.

> que fosse eticamente defensável e suscetível, além disso, de aplicação política prática."[117]

Este objetivo seria, dentro das obras que estamos analisando, o fim dos conflitos entre as *póleis* a busca pela união da Hélade. Além disso, percebemos que Isócrates não pretende se afastar da política apesar de se declarar inapto a falar para o público, uma vez que o seu fazer educacional se voltaria para a formação do cidadão dentro da vida política, social e cultural; ensinando o bem dizer, pensar e viver[118]. Então, se por um lado o retórico se preocupava com a questão estética dos discursos, por outro compreendia que suas elaborações deveriam ter uma orientação ética, e neste sentido condenava o desejo de ganho individual em prejuízo do bem comum[119].

Portanto, Isócrates se inseria dentro de um grupo de pensadores que nos fins do século V e início do século IV, davam continuidade à tradição da *paidéia* grega ao mesmo tempo que contribuíam para sua atualização, agregando, principalmente, o elemento retórico que havia se tornado importante para a vida política das *póleis*. Talvez por ter crescido neste ambiente – que se por um lado era conflituoso, por outro possibilitava o contato com sofistas originários de diversas cidades – é que viria a compreender a identidade grega como uma questão de cultura. A partir de desta sua indicação que encontramos no *Panegírico* passamos a nos questionar sobre quais seriam então as características que determinariam o ser grego e o ser bárbaro? E como o monarca macedônio Felipe se inseria em alguma destas identidades?

Para compreendermos estas questões delineamos dois possíveis caminhos de investigação dentro dos discursos que nos propomos a analisar. O primeiro, seria buscar em ambas as obras os substantivos *paidéia* e *paídeusis*, uma vez que estes poderiam nos auxiliar a entender o que Isócrates incluía dentro das ideias sobre cultura, educação, formação do homem etc. Todavia, percebemos que o primeiro termo era ausente tanto no *Panegírico*, quanto no *Felipe*, e o outro presente poucas vezes e apenas no primeiro. A segunda via

[117] JAEGER, W. *Paidéia*. p.1070.
[118] IJESSELING,S. Rhétorique et Philosophie. p.203-204.
[119] HASKINS, E. *Logos* and Power in Sophistical and Isocratean Rhetoric. p.92. FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas. p.40.

consistiria em verificar em cada uma das obras[120] as qualidades e os defeitos atribuídos pelo retórico aos grupos que acreditamos serem se não os de maior destaque em cada uma das obras, ao menos os mais emblemáticos para se pensar a questão do que se insere ou não no "ser grego". Assim, nossa análise irá se concentrar no *Panegírico* verificando inicialmente os usos de *paídeusis*, para em seguida focar nos modos pelos quais Isócrates buscou construir de um lado a imagem de sua cidade como um exemplo das "virtudes" e do "ser grego", e de outro, o seu oposto bárbaro persa.

2.1 – DUAS EDUCAÇÕES, DOIS POVOS

Como comentamos, o discurso *Panegírico* traz poucas ocorrências do termo *paídeusis*, encontramos este substantivo apenas 4 vezes nesta obra, sendo 3 delas se referindo aos gregos e apenas uma associada aos persas. Apesar da escassez no uso desta palavra, podemos compreender que aqui este termo se diferencia da ideia de *paidéia* – que é compreendida pela historiografia como aquele conjunto de elementos que constituem a educação, formação e cultura grega – uma vez que também é utilizada para se referir à educação persa:

> "Os que marcham nas costas, chamados sátrapas, não desonram a educação dali, mas se mantém nos mesmos costumes, e são infiéis aos amigos e medrosos com os inimigos; algumas vezes vivem com humilhação, outras com soberba, traindo a seus aliados e servindo a seus inimigos."[121]

Percebemos que por um lado, este trecho, reforça a ideia de que para Isócrates as identidades – grega e bárbara – seriam mais culturais e aprendidas do que algo natural; e por outro, nos revela que além da educação (*paídeusis)* ser usado com relação aos persas, ela ainda aparece ligada a características

[120] A princípio apresentaríamos a análise do discurso *Felipe* também neste capítulo, porém ao percebermos a convergência com trechos e ideias que seriam trabalhadas no próximo capítulo, preferimos realoca-la na última parte do trabalho.
[121] ISO. Pan.152. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.240. Grifo meu.

negativas – são infiéis, medrosos, humilhação, soberba, traição e servidão – reforçando a alteridade daqueles a quem chamava de bárbaros. Como veremos mais adiante, os elementos escolhidos por Isócrates para descrever os persas irão contrastar com aqueles que esperava que os gregos cultivassem, delineando as identidades grega e bárbara através destas oposições. Assim, as três ocorrências de *paídeusis* associadas aos gregos apresentarão atributos positivos e, então sim, próximos à ideia de *paidéia*.

Em meio a suas justificativas e exortação à guerra contra os persas, Isócrates cita Homero como um exemplo de como a guerra contra os bárbaros era comemorada:

> "Creio que a poesia de Homero alcançou tão enorme fama porque elogiou belamente aos que lutaram contra os bárbaros, e por este motivo quiseram nossos antepassados que sua arte fosse estimada nos certames musicais e na educação dos jovens; para que, ao ouvir muitas vezes seus versos, aprendêssemos a inimizade existente contra eles, e ao imitar as virtudes dos que fizeram a expedição, aspirássemos a ações como aquelas."[122]

Desta maneira, o ateniense estaria não apenas afirmando a importância dos poemas homéricos na educação, mas também inserindo a inimizade contra os bárbaros dentro do próprio conteúdo da *paidéia* grega. Mas se Isócrates atribui aos poemas de Homero esta função de ensino da inimizade contra os bárbaros, Vidal-Naquet demonstra que oposição entre gregos e bárbaros nem mesmo está colocada dentro das obras homéricas – uma vez que nem estes termos são conhecidos ou utilizados, nem mesmo existiria uma diferenciação muito grande entre aqueus e troianos.[123] Todavia, nosso autor projeta naquela obra uma visão de seu mundo presente – lendo os troianos como se fossem os persas e os aqueus como gregos – na qual, esta inimizade entre gregos e persas acabaria por fazer parte da organização daquele universo que eles conheciam. Além disso, se faz menção à obra de Homero é para instigar seu público a se

[122] ISO. Pan. 159. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.242. Grifo meu.
[123] VIDAL-NAQUET, P. *O Mundo de Homero.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.37-39.

inspirar nos feitos daqueles grandes heróis e realizar a expedição contra os persas, como ele mesmo afirma ser o objetivo do ensino destes poemas.

Os outros dois momentos em que o termo educação (*paídeusis)* é utilizado pelo autor acontecem quando Isócrates está expondo os motivos pelos quais acredita que sua cidade deva ter novamente a hegemonia sobre as *póleis*. Portanto, neste trecho podemos perceber as vinculações estabelecida pelo retórico, de um lado entre a educação e os discursos, e de outro, entre elas e a Atenas.

> "(...) se deu conta de que os homens de origem livre não se reconhecem pelo valor, riqueza ou bens semelhantes, mas se destacam especialmente por seus discursos, este é o mais certo sinal da educação de cada um de nós e os que utilizam bem a oratória não somente tem poder em suas próprias cidades, mas são honrados nas demais. Nossa cidade superou tanto aos demais homens no pensamento e oratória que seus discípulos hão chegado a ser mestres de outros, e conseguido que o nome de gregos se aplique não à raça, mas à inteligência, e que se chamem gregos mais aos partícipes de nossa educação que aos de nosso mesmo sangue."[124]

Neste ponto da obra, Isócrates se refere àquela nova *paidéia*, na qual os discursos apareceriam como uma das etapas para a formação do homem político e da qual ele foi o mais importante representante a nível educacional. Para o retórico, o saber do "bem dizer" não distinguiria apenas os homens dos animais[125], mas também os "homens de origem livre" dos demais, em outras palavras os gregos dos bárbaros. Seria ainda sinal de reconhecimento tanto dentro de sua *pólis* quanto nas outras, o que demonstraria o caráter identitário expandido, mesmo quando o autor insiste em reforçar a ideia de superioridade de sua cidade perante as demais.

Assim, verificamos que dentro do *Panegírico* o substantivo *paídeusis* é utilizado para abordar questões relacionadas a educação de gregos e persas, sendo estas diferenciadas a partir dos elementos que se ligariam a elas em cada

[124] ISO. Pan.49-50. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.212-213.
[125] ISO.Pan.47-48. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.212.

um dos casos. Se a educação (*paídeusis)* persa é retratada a partir de qualidades negativas, que não deveriam ser desejadas pelos habitantes das *póleis*; a grega apareceria sobretudo ligada aos elementos que constituíam a *paidéia* – a antiga e a nova – como os poemas homéricos e os discursos. Através dela Isócrates reforçava uma identidade grega ao mesmo tempo que tentava restabelecer a hegemonia ateniense, por isto legaria a Atenas o lugar de centralizadora deste "ser grego" que nele passava a ser visto como um fator cultural.

Se para Isócrates ser partícipe da educação grega passava a ser o elemento agregador daquela identidade e os atenienses, pelo seu ponto de vista os melhores, teriam sido os responsáveis pela expansão desse conceito, compreendemos que dentro do *Panegírico* o modelo a ser seguido será o ateniense. Desta forma, para entendermos melhor o que o retórico considerava ser ou não grego, iremos analisar nas próximas páginas as qualidades atribuídas primeiro à *pólis* de Atenas e depois aos persas – a antítese grega por excelência.

2.1.1 – Um modelo de helenidade ateniense

Para além da questão pan-helênica proposta no *Panegírico*, Isócrates pretende neste discurso alçar sua cidade, Atenas, novamente como a líder (*hegemón*) das *póleis* gregas. Por isto, trata dos feitos dos atenienses desde os tempos mais remotos, visando o convencimento de que eles seriam os melhores para ocuparem este lugar de preponderância. Assim, partiremos da divisão esquemática de Hermida, recortando o trecho classificado pelo autor como "Atenas merece a hegemonia"[126], para examinar quais características e feitos Isócrates elenca para demonstrar os valores de sua *pólis* e sua relação com as demais.

Ao explorarmos mais cuidadosamente esta parte da obra percebemos que poderíamos subdividi-la em outras duas categorias: uma, que trataria sobre as qualidades de Atenas e as dádivas fornecidas por ela (linhas 21-53), e outra,

[126] ISÓCRATES. *Discursos I*.p.200.

na qual trataria do passado que deveria ser imitado (linhas 54-99). Na primeira destas, Isócrates se esforça para demonstrar as virtudes dos atenienses e suas ligações com as demais *póleis* e um elemento que prontamente chama a atenção é a atuação bélica da cidade, logo no começo deste fragmento o retórico expõe:

> "Porque se deve-se honrar em cada empresa aqueles que são mais espertos e poderosos, sem discussão nos corresponde tomar a hegemonia, que antes tivemos; pois ninguém poderia assinalar outra cidade que tenha se destacado tanto nos perigos por terra, como a nossa se distinguiu nos perigos marítimos."[127]

Iniciando sua defesa descrevendo os atenienses como mais espertos (*empeirotátous*) e poderosos (*megísten dýnamin*), além de destacar suas habilidades marítimas – estas que haviam levado eles à hegemonia no período da Liga de Delos – Isócrates não apenas qualificava seus concidadãos, mas também os colocava em posição superior aos lacedemônios, que no momento rivalizavam com eles pela liderança das *póleis*, ao evocar a contenda acerca de qual seria a melhor forma de combate, se o marítimo ou o terrestre. No entanto, aqui esta discussão não cabe, o que importa para o retórico não é o meio onde ocorre a batalha, mas as qualidades dos combatentes, postas em evidência anteriormente (os mais espertos e poderosos), pois estas que possibilitarão que eles se destaquem (*yperékho*). Além disso, Isócrates irá demonstrar que esta esperteza ateniense para a guerra e a liderança viria também da experiência anterior em outras guerras.

Ao abordar o passado das colonizações, ele coloca sua *pólis* novamente no papel de preeminência, afirmando que

> "...viu nossa cidade que os bárbaros ocupavam a maior parte do território, que os gregos, por outro lado, estavam encerrados em um pequeno espaço e que, por insuficiência da terra, conspiravam entre eles e faziam expedições militares contra si; que uns morriam pela falta de sustento cotidiano e outros pela guerra. Estando assim a situação, não olhou com indiferença, mas enviou generais às cidades, que reuniram aos mais

[127] ISO.Pan.21. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.205.

> necessitados, se fizeram seus chefes militares e, depois de vencer aos bárbaros na guerra, fundaram muitas cidades em um e outro continente, colonizaram todas as ilhas e salvaram tanto aos que os acompanharam como aos que ficaram."[128]

Observamos aqui o antagonismo entre gregos e bárbaros ser projetado para um passado já remoto, no qual Atenas apareceria novamente como aquela que lidera as *póleis* na vitória contra os bárbaros. Todavia, se por um lado devemos duvidar de toda essa primazia ateniense que aparece nos relatos de Isócrates, por outro, devemos levar em conta a ênfase dada no caráter militar e na assistência às demais cidades. Como vimos, a *paidéia* grega tem em sua base uma preparação gímnica voltada para a guerra, disposição esta que deveria ser valorizada em períodos conflituosos. Além disso, vincula a liderança militar ao amparo as *póleis*, elevando Atenas à posição de benfeitora dos gregos, aquela que os levou não apenas à vitória contra os bárbaros, mas também a resolução de seus problemas internos, de escassez de terras, fome e guerras. Mais adiante em seu discurso, exalta:

> "Creio também, que se há de honrar a nossos antepassados pelos perigos bélicos, não menos que por suas outras façanhas. Porque não suportaram nem pequenos nem obscuros combates, mas muitos, perigosos e de importâncias; uns de defesa de seu território, outras pela liberdade de alheios; passaram toda sua vida oferecendo a cidade aberta a todos e socorrendo sempre aos gregos maltratados."[129]

Neste trecho, percebemos que o ateniense equipara as façanhas bélicas aos demais feitos de sua cidade, ressaltando sempre as formas pelas quais seus conterrâneos auxiliam os demais gregos – não teriam contribuído apenas em questões militares, mas também seriam hospitaleiros com aqueles que precisavam de sua *pólis*. Por outro lado, não deixa de defender o valor dos atenienses perante aos combates, pois suportaram "muitos, perigosos e de importância" (*polloùs kaì deinoùs kaì megálous*). Assim, como veremos mais

[128] ISO.Pan.34-35. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.208.
[129] ISO.Pan.51-52. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.213.

adiante que Isócrates elencaria algumas das proezas de maior relevo para servir de modelo de atuação para aqueles de seu tempo, seguindo o pensamento de que seria "necessário eleger as boas ações não as que se esqueceram e silenciaram por sua insignificância, mas as que por sua grandeza se comentam e recordam entre todos os homens em todas as partes, tanto antes como agora."[130] Demonstrando a importância de se guardar a memória dos acontecimentos.

Esta memória não estaria relacionada apenas com aquilo que hoje consideraríamos como acontecimentos históricos, mas também iria buscar naquele passado mais distante, que chamaríamos de mítico, os elementos para fundamentar sua proposição. Em um destes momentos, Isócrates relembra o mito de Deméter e Koré:

> "Ao chegar Deméter a esta terra, quando estava errante depois do rapto de Coré, foi benevolamente tratada por nossos antepassados, com alguns serviços que não podem entender senão os iniciados, e os deu dois tipos de recompensas: as mais importantes foram as colheitas, para que não vivamos como as feras e a celebração dos mistérios, que dão aos iniciados as mais doces esperanças para o final da vida e para toda a eternidade. Nossa cidade, amou tanto aos deuses e aos homens que quando foi senhora de bens tão importantes, não os ocultou dos demais, mas fez a todos partícipes do que recebeu."[131]

Partindo da forma benévola (*eumenôs*) com que seus antepassados receberam Deméter, o ateniense pretende demonstrar aqui tanto as boas relações que a cidade mantém com as divindades, quanto as que nutre pelos homens. Não apenas manteriam laços de reciprocidade[132] com a deusa, que em agradecimento ao cuidado que tiveram com ela, ofereceu-lhes as dádivas da colheita e dos mistérios; mas também os estabeleceriam com as demais *póleis* ao passo que levariam estes novos conhecimentos a elas. Assim, mais do que

[130] ISO.Pan.27. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.206.
[131] ISO.Pan.28-29. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.206-207.
[132] Conceito emprestado da antropologia, no qual, segundo Maurice Godelier, as relações sociais e hierárquicas sem organizam a partir das prerrogativas básicas da reciprocidade – dar, receber e retribuir. GODELIER, M. *O Enigma do Dom.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

revelar a piedade para com os deuses ou os benefícios que a cidade de Atenas proporcionou as demais, o mito ajuda a estabelecer uma relação hierárquica entre as *póleis* que se articularia com o desejo de Isócrates em ver a sua *pólis* novamente na posição hegemônica – uma vez que esta aparece como a doadora, bem como em outros momentos do discurso. Além disso, devemos atentar para a importância dos dons que lhes foram entregues: as colheitas, um elemento básico para a subsistência de cidades; e os mistérios, que surgiriam como um santuário pan-helênico.

Continuando a falar sobre os benefícios que sua *pólis* teria proporcionado à Grécia, o retórico comenta que Atenas teria "a responsabilidade de quase tudo, tanto em perigos bélicos como no restante da organização, segundo a qual convivemos, com a que governamos e pela qual podemos viver."[133] Desta forma, insere a questão política de organização das *póleis* dentro deste plano cultural grego (novamente destacando o papel ateniense), vinculando o fazer político à vivência do homem grego. Ainda demonstra o papel ativo desempenhado pelo cidadão ao comentar sobre a "organização" (*kataskeuês*) pela qual "nos governamos" (*politeuómetha*). Assim, podemos dizer que tanto a forma de organização quanto a vivência do cidadão como homem político torna-se uma característica importante da identidade grega.

Ainda sobre a questão política, o retórico afirma que sua cidade

> "...encontrou aos gregos que viviam sem leis e habitavam aqui e lá, uns maltratados pelas tiranias, outros morrendo pela falta de governo, e os liberou destes males, sendo senhora de uns e modelo para outros. Foi a primeira a estabelecer leis e criou uma constituição. E eis aqui a prova: aqueles que a princípio apresentaram uma querela por homicídio, e quiseram se reconciliar com a palavra e não com a violência, fizeram de acordo com nossas leis e seus próprios juízos sobre ele."[134]

Novamente Atenas aparece como dadivosa, os libertando dos males e oferecendo um modelo de leis e constituição, das quais teve primazia. Inicialmente percebemos a negatividade representada pelo estado em que

[133] ISO.Pan.26-27. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.206.
[134] ISO.Pan.39-40. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.209.

aqueles grupos não atenienses se encontravam; no grego encontramos os termos *dynasteiôn* (traduzido no extrato como tirania, mas que poderia ser melhor compreendido como poder ou dominação) e *anarkhían* ("falta de governo"), o primeiro condenável pela falta de liberdade e voz política que representaria, e o segundo pela desordem social que acarretava. Entretanto, podemos pensar que haja alguma contradição a partir do momento em que o próprio autor afirma que sua *pólis* havia os liberado daqueles males "sendo senhora de uns e modelo para outros"; todavia, ao examinarmos mais de perto percebemos que pode haver uma certa gradação, uma vez que o retórico utiliza o vocábulo *kyría*, traduzido por "senhora", que apesar de seu sentido ligado à autoridade também traz um caráter mais temporário, de uma função a ser desempenhada para um fim pontual. Claude Vial explica que "Um homem age como *kýrios* quando assiste, na qualidade de representante legal, uma pessoa, seja ela menor de idade ou mulher, que realiza pessoalmente um ato jurídico sem ter a capacidade plena de fazê-lo."[135] Assim, percebemos que ele esforça para afastar da imagem de sua cidade a ideia associada a uma dominação (*dynasteía*), utilizando-se de um termo jurídico e atribuindo àquelas *póleis* um certo grau de "menoridade", pois subentende-se que estas ainda não estariam prontas para se gerir sozinhas.

Além disso, ressalta o valor da palavra sobre a violência, vinculando-a não apenas à Atenas, mas também a suas leis (*nómous*) e constituição (*politeían*). Podemos dizer que no campo da palavra se encontrariam ainda outros dons atribuídos aos atenienses dentro do discurso isocrático:

> "Nossa cidade deu a conhecer a filosofia, que descobriu a tudo isto, ajudou a estabelece-lo, nos educou para as ações, nos apaziguou, e diferenciou das desgraças produzidas pela ignorância e as que resultam da necessidade, e nos ensinou a rechaçar as primeiras e suportar bem as segundas. Também honrou a oratória, que todos desejam invejando aqueles que a dominam."[136]

[135] VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga*. p.235.
[136] ISO.Pan.47-48. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.211-212.

Neste momento, Isócrates dá ênfase no papel da filosofia (*philosophían*) e oratória (*lógous*), lembrando que a concepção isocrática diferenciava-se da platônica a respeito da filosofia, atribuindo este nome ao seu próprio fazer, a sua obra[137]. Assim, podemos pensar que o retórico expõe não apenas as dádivas e qualidades de sua cidade, mas também nos deixa vislumbrar tanto o dever que ele chamava para si como educador, quanto a teoria e metodologia do próprio discurso. Se esta filosofia teria o intuito de educar para as ações (*prákseis*), apaziguar (*epráune*) e diferenciar (*dieîlen*) as desgraças vindas da ignorância e da necessidade; podemos nos perguntar em que medida o próprio discurso procura levar seus ouvintes ao ato (de reconciliação entre os gregos e guerra contra os persas), ao apaziguamento (pela palavra, uma vez que, como vimos acima, a contrapunha à violência) e à distinguir (as desgraças vindas da guerra (*pólemos*) entre as *póleis* e das *stásis*, que deveriam ser rechaçadas, das que resultam de uma guerra contra os bárbaros, que poderiam ser suportadas).

Também defende o valor da oratória (*lógous*) afirmando que "os tontos não participam dos discursos belos e bem construídos, empresa, pelo contrário, de um espírito bem dotado intelectualmente; e que os sábios e os ignorantes parece que se diferenciam sobre tudo nesta questão."[138] Desta forma, distingue através dela os sábios (*sophoùs*) dos ignorantes (*amatheîs*), sendo portanto os atenienses, os primeiros a adquirirem este conhecimento, que teriam novamente libertado os demais gregos, mas agora no sentido de os ter retirado da ignorância. Além disto, ao elevar estes dois temas – a filosofia (*philosophían*) e a oratória (*lógous*) – como dons de sua *pólis*, igualmente pretende demonstrar a importância de sua obra, que tenta conciliar o conteúdo e a forma.

Se podemos pensar que todas as qualidades atribuídas por Isócrates aos atenienses não deveriam apenas ser desejados, mas também copiados; encontramos ainda, nesta parte que versa sobre os motivos pelos quais Atenas merece a hegemonia, exemplos de um passado a ser seguido, não apenas por seus concidadãos, mas também pelos lacedemônios. Lembrando que este

[137] JAEGER, W.*Paidéia*.p.1065.
[138] ISO.Pan.48-49. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.212.

emprego de modelos a serem imitados não era somente utilizado por Isócrates, e sim fazia parte daquela herança educacional vinda da poesia[139].

O maior dos feitos que deveria se tomar como exemplo, na visão isocrática, não poderia deixar de ser os eventos que tiveram lugar durante as guerras contra os persas. Sobre este passado o retórico expõe:

> "Sempre nossos antepassados e os lacedemônios estiveram rivalizando entre si, mas naqueles tempos não os agradava competir senão pelas coisas mais belas, na crença de que não eram inimigos, mas antagonistas; não serviam ao bárbaro para escravizar a Grécia, mas tinham o mesmo parecer sobre a salvação comum e disputavam qual dos dois seriam seu autor. Mostraram seu valor pela primeira vez ante as tropas enviadas por Dario."[140]

Observamos aqui o esforço de Isócrates por demonstrar que a relação entre as duas *póleis* não deveria ser de inimizade, o que nos faz refletir sobre as proporções que as guerras entre as cidades acabaram por tomar, uma vez que a lembrança deste passado carrega críticas ao seu presente. Ao que parece, se no século anterior atenienses e lacedemônios teriam se comportado como antagonistas (*antagonistás*), agora se tratavam mais como inimigos (*ekhthroús*). Embora o primeiro termo apresente ainda um caráter de oposição, este se articularia com o ideal grego da *ágon*, sendo a competição bem vista, pois objetivaria somente projetar aquela que fosse a melhor dentre as *pólis*. Denuncia também o envolvimento de seus contemporâneos com os bárbaros, e esta proximidade cria desavenças no interior da Hélade. Assim, nas linhas subsequentes o ateniense irá se debruçar sobre os feitos de ambas durante as guerras contra os persas para oferecer ao seu público um exemplo de ação, para que voltem a ser apenas antagonistas e reconheçam nos persas (com quem mantém relações) os verdadeiros inimigos. Além disso, ele não deixaria de demonstrar a preeminência que sua cidade obteve por aquelas ocasiões,

[139] JAEGER, W. *Paidéia*.p.1086. FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas. p.28-29. ANTELA-BERNÁRDEZ ,B. *Hegemonía y Panhelenismo*. p.82.
[140] ISO.Pan.85. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.221.

ressaltando que embora “sua audácia era igual, não tiveram idênticas sortes”, perecendo os lacedemônios enquanto os atenienses obtinham vitórias[141].

Entretanto, o momento em que Isócrates aparenta querer deixar mais clara a posição hegemônica de sua *pólis* frente às demais, sobretudo a dos lacedemônios, ocorre anteriormente, quando recua a tempos mais remotos:

> “Os filhos de Héracles que fugiam do ódio de Euristeu e desdenhavam das outras cidades por acreditar serem incapazes de ajudar-lhes em suas desgraças, julgaram que a nossa era a única capaz de pagar os benefícios que seu pai fez a todos os homens.”[142]

Apesar do retórico deixar transparecer que Héracles teria beneficiado (*euergétesen*) a todos os homens; a utilização desta história, que hoje chamaríamos de mítica, serviria para demonstrar que desde tempos remotos o poder ateniense era reconhecido, inclusive pelos filhos de Héracles – de quem os lacedemônios seriam descendentes. Assim, mais uma vez Isócrates trazia um exemplo a ser seguido por aqueles de seu tempo, principalmente pelos que rivalizavam com sua cidade; manifestando que as duas *póleis* deveriam trabalhar juntas como no passado e, principalmente, que Atenas deveria ser reconhecida como a única capaz de liderar a Hélade, uma vez que logo em seguida afirma que “Por estes sucessos, é fácil se dar conta de que também naquela época nossa cidade tinha a hegemonia.”[143] Além disso, Antela-Bernárdez comenta sobre o uso dos mitos dentro das obras isocráticas e mostra que se o retórico associa a figura de Héracles aos lacedemônios, aos atenienses irá vincular a imagem de Teseu, atribuindo a este valores como a defesa dos oprimidos e a justiça. Lembrando ainda da aliança formada por estes heróis para a salvação de Helena como uma alegoria para aquilo Isócrates mais desejaria.[144]

Mas não era suficiente que as duas *póleis* se reconciliassem e que Atenas fosse reconhecida pelos lacedemônios como a líder, também se fazia necessário que alcançassem o entendimento no interior da sua própria cidade. Deste modo,

---

[141] ISO.Pan.92. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.223-224.
[142] ISO.Pan.56. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.214.
[143] ISO.Pan.57. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.214.
[144] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. *Hegemonía y Panhelenismo*.p.80-81.

Isócrates oferecia também um modelo que seus concidadãos deveriam seguir na vida pública; lembrando daqueles que teriam vivido antes da guerra contra os persas, assinala que:

> "Não desdenhavam dos assuntos públicos, nem se aproveitavam deles como algo privado, nem descuidavam deles como se fossem coisas alheias; ao contrário, se preocupavam com eles como de assuntos familiares, e se mantinham apartados do que não convém, tal como se deve fazer; não julgavam a felicidade pelo dinheiro, mas consideravam que tinha a riqueza mais segura e bela quem fizesse coisas de tal categoria que o proporcionassem uma fama excelente e transmitissem a seus filhos a glória mais grande. Não invejavam suas mútuas audácias, nem exercitavam sua imprudência, mas julgavam mais funesto que seus concidadão falassem mal deles, que morrer nobremente pela pátria, e se envergonhavam mais pelas faltas nos assuntos públicos que pelas que comentem agora em suas questões particulares."[145]

Se não podemos acreditar no que o retórico fala sobre o passado ateniense[146], devemos atentar para as críticas que fazia a seus contemporâneos e no modelo que sugeria que seguissem. O foco agora recai sobre os assuntos públicos, ou seja, sobre como deveriam orientar a vida política em oposição às práticas que vinham sendo adotadas. Percebemos o desconforto de Isócrates com aqueles que deixavam seus interesses pessoais sobressaírem aos da *pólis*, como o desejo exagerado por riquezas e as rivalidades entre os grupos. Para denunciar esses males, ele cria a imagem de um passado no qual seus ancestrais se mostrariam dedicados aos assuntos da *pólis* sem permitir que suas vontades particulares interferissem nas decisões, e cujas ações seriam voltadas para aquilo que lhes trouxessem uma "fama excelente" (*málist'eudokimésein*) e uma grande glória (*megísten dóxan*) a seus filhos. Todavia, não interessa a ela apenas relembrar esse passado ideal, seu intuito é oferecer um exemplo de

[145] ISO.Pan.76-77. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.219.

[146] Sabemos que o período anterior às guerras contra os persas também foi bastante conturbado, pois após a formação da *pólis* no século VIII a.C. levaria ainda muito tempo para que esta se organizasse, passando por instabilidades tão complexas quanto as de seu tempo. (JONES, P. *O Mundo de Atenas*.p.3-10)

conduta que leve a conciliação interna da cidade, para que se possa pôr um fim nas querelas que ainda existiam.

2.1.2 – Uma visão isocrática sobre os persas

Como vimos, apesar de defender, no *Panegírico*, o direito de hegemonia ateniense, Isócrates não pretende lançar os lacedemônios como inimigos a serem combatidos, mas sim coloca-los novamente como aliados sob a liderança de sua cidade. Seu foco se orienta para uma união entre as *póleis* gregas, relembrando os laços de união e elevando o elemento educacional/cultural como fator de distinção entre gregos e bárbaros. Assim, apresentaria como os verdadeiros opositores aqueles que já estariam consagrados pela memória como o *outro* por excelência, os persas. Por este motivo, decidimos verificar quais as qualidades e ações que o ateniense atribuiria a este grupo, para compreender melhor este contraponto e quais seriam as características indesejadas por ele. Para tal, analisaremos nesta parte o recorte nomeado por Hermida como "Motivos da Guerra (138-159)"[147], no qual Isócrates dá maior ênfase na questão das relações entre gregos e persas.

Desta forma, se como vimos anteriormente os mistérios de Elêusis são citados, juntamente com as colheitas, como presentes da deusa Deméter aos atenienses em retribuição a ajuda que prestaram a ela, e que posteriormente seriam levados aos demais gregos, estabelecendo laços de reciprocidade entre as *póleis*; não é de se admirar que estes fossem novamente lembrados, mas agora para excluírem os não-gregos de sua identidade.

> "Os Eumólpidas e os Cérices na celebração dos mistérios, por causa de seu ódio aos persas, ordenam excluir dos atos sagrados aos demais bárbaros, como se fossem homicidas. Somos por natureza tão inimigos seus que os mitos que mais nos distraem são os Troianos e Pérsicos, pelos quais nos inteiramos de suas desgraças."[148]

[147] ISÓCRATES. *Discursos I*.p.200.
[148] ISO.Pan.157-158. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.242.

Percebemos que Isócrates explica que a não aceitação de bárbaros na celebração dos mistérios se deve ao ódio (*mîsos*) que as famílias encarregadas pelo culto nutriam pelos persas. Comparando-os ainda a homicidas (*androphónois*), e aqui podemos pensar na impressão deixada pelas lembranças das guerras que ele cita em seguida, principalmente aquela contra os persas, cujo tempo transcorrido não passava de algumas gerações. Este trecho também deixa transparecer como esta inimizade (*polemikôs*) era em certa medida fruto da própria *paidéia* helênica, uma vez que as histórias sobre as guerras de Tróia e Persas seriam as mais agradáveis lições que ouviam (*édista sundiatríbomen*), e destas sabemos que ao menos a primeira fazia parte do currículo educacional daqueles que tinham acesso a esta forma de ensino.

Neste período de conflituosidade, é compreensível que as ações de guerra apareçam não apenas a nível educacional grego, mas também associadas às virtudes e vícios dos grupos sobre os quais o autor trata. Desta forma, não bastaria apenas delimitar com quem fazer a guerra ou a paz, o retórico deveria expor as relações bélicas dos gregos e bárbaros. Se atribui aos atenienses as qualidades positivas – seriam os mais espertos e poderosos, lutariam para proteger o território, pela liberdade etc – que deveriam ser cultivadas não apenas por eles, como pelas demais *póleis*, aos persas sobraria tudo o que fosse vicioso e a ser evitado. Neste sentido, Isócrates tenta demonstrar que não existiriam motivos para que os gregos temessem as forças do Rei, pois este seria incapaz de vencer sozinho as *póleis*. Em sua visão, os persas seriam tão maus guerreiros que suas únicas vitórias teriam se devido a alguma das cidades gregas quando aliadas a eles. O ateniense expõe:

> “Se conseguissem demonstrar que o Rei anteriormente venceu alguma vez simultaneamente às duas cidades, com razão também agora tentariam nos infundir medo, mas se esta circunstância nunca ocorreu, senão que, se quando nós e os lacedemônios éramos enfrentados com igualdade de forças, é quando conseguiu seus maiores triunfos ao se associar com uns dos dois, em absoluto é esta uma prova de seu poderio. Em circunstâncias semelhantes, muitas vezes forças pequenas tiveram influências decisivas, assim poderia me referir a Quios

> que deu a supremacia marítima àqueles que decidiram se unir a ela. Não é justo, pois, examinar o poder do Rei pelo que fez com ajuda de outros, senão pelo que tem guerreado ele mesmo por conta própria."[149]

Além disso, podemos pensar que se a necessidade de uma aliança por parte dos persas com alguma das cidades aparece associada a uma carga negativa, denunciando uma falta e a colocando de certa forma como inferior às cidades gregas com quem se ligaria; por outro lado, as alianças entre as *póleis* apareceriam por toda a obra como algo positivo, imprescindível para o bem da Hélade, sem qualquer sinal de fraqueza para as cidades.

Após tratar da questão da inferioridade ou inabilidade persa para as guerras, Isócrates explica que isto também se dava devido à educação:

> "Nada disto foi ilógico, senão que todo aconteceu como era de esperar, porque é impossível que os assim criados e governados participem de valor algum, nem nas batalhas levantem um troféu sobre seus inimigos. Como pode sair um general esperto ou um soldado valente com a maneira de viver daqueles, que em sua maior parte são uma massa desordenada e desconhecedora de risco, inútil para a guerra e mais educada para a escravidão que nossos próprios escravos?"[150]

De pronto, coloca que a maneira com que os persas são criados (*trephoménous*) e governados (*politeuoménous*) como fatores preponderantes para que não participem de valor algum (*oúte tês álles aretês metékhein*) nem consigam vitórias nas batalhas (*oút'èn taîs mákhais trópaion istánai*). O termo *trephoménous* pode ser traduzido tanto por "ser criado" quanto por "ser educado", inserindo novamente o caráter educacional na diferenciação deste grupo, juntamente com a questão política, denunciando a passividade do sistema político persa, pois estes seriam governados (*politeuoménous*) pelo Rei. Em seguida expõe os diversos defeitos provindos deste ensino e política persas, que os tornariam uma massa desordenada (*ókhlos átaktos*) e desconhecedora de riscos (*kindúnon ápeiros*), fracos para a guerra (*pólemon ekleluménos*) – sem

[149] ISO.Pan.139-140. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.236-237.
[150] ISO.Pan.150. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.240.

generais espertos (*strategòs deinòs*) ou soldados valentes (*stratiótes agathós*) – e educados para a escravidão (*douleían*). Posicionados assim, do lado oposto ao que seria desejado a um grego, apresentando uma relação de inversão com as características atribuídas aos atenienses – que eram os mais espertos e poderosos guerreiros, que lutavam pelo território e liberdade dos povos da Hélade etc. Na sequência de seu texto, Isócrates traz mais detalhes sobre aquilo que percebia daquela cultura que via como viciosa:

> "E aqueles deles que gozam de maior estima nunca viveram em igualdade nem em sociedade com outros nem com o estado, e passam toda sua vida injuriando a uns e sendo escravos de outros, como homens que corrompem inteiramente suas naturezas, afeminam seus corpos por causa de sua riqueza e tem seus espíritos humilhados e pusilânimes pela monarquia, se deixam inspecionar frente o mesmo palácio, se prostram no solo, se preocupam em se humilhar de todos os modos, adoram um homem mortal e o chamam de deus, desdenhando mais aos deuses que aos homens."[151]

Percebemos, que neste ponto Isócrates demarca a diferenciação entre a forma de vida persa e aquela que seria própria das *póleis*. Se para os atenienses do século IV as disputas entre os sistemas políticos democrático e oligárquico ainda pareciam estar longe de serem completamente superados, também não podemos pensar que estes sistemas fossem tão diferentes que não possuíssem pontos em comum – o que possibilitaria serem encarados por alguns autores como sistemas semelhantes. Assim, a participação política daqueles considerados cidadãos apareceria como um fator comum e importante a todos, mesmo que isso se desse de diferentes formas em cada um dos sistemas e cada uma das *póleis*. Por isso, na visão isocrática os persas surgiriam como aqueles que viveriam privados dessa vida política, uma vez que nunca teriam vivido em igualdade nem em sociedade (*oudè koinôs oudè politikôs*). Além disso, verificamos que os demais vícios – afeminam seus corpos, humilham e acovardam seus espíritos etc. – que o retórico atribui a eles são provenientes deste modo de vida e de seu sistema político, a monarquia, corrompendo não

[151] ISO.Pan.151. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.240.

apenas seus corpos (*sómata*), como também a seus espíritos (*psukhás*). Por fim, comenta a impiedade persa, que os levava a adorar um homem mortal (*ándra proskunoûntes*), desdenhando dos deuses; aqueles que também acusaria de queimar e saquear os santuários dos deuses e templos.[152]

[152] ISO.Pan.155-156. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.241.

3 – FELIPE II: *BASILEÚS* BÁRBARO OU *HÉGEMON* GREGO?

Como vimos nos capítulos anteriores, ao tratar sobre a guerra e a paz em seus discursos pan-helênicos, Isócrates delineia uma série de identidades que se distanciam ou se aproximam, podendo até mesmo se permear. Além disso, a questão da educação/cultura (*paidéia*) seria elevada como fator que distinguiria os gregos dos demais grupos; sendo ela distinta de outras formas de ensino e voltada para a formação do homem político. Também podemos perceber que, em seu discurso *Felipe*, o ateniense se esforça para inserir o monarca macedônico dentro desta identidade grega. Todavia, se nos lembramos da forte oposição que o retórico faz ao Rei persa e da quase equiparação que faz no *Panegírico* entre este, Amintas e Dionísio, no momento em que acusa os lacedemônios dizendo que "agora sitiam Olinto e Fliunte e cooperam com Amintas, rei da Macedônia, com Dionísio, tirano de Sicília e com o bárbaro que domina a Ásia, para que todos eles consigam o maior poder."[153], não há como não nos perguntarmos sobre como foi possível que Isócrates passasse a construir uma imagem política de Felipe II que fosse compatível ao que considerava "ser grego", justificando sua liderança sobre as *póleis*. Principalmente se percebermos que o termo utilizado para se referir ao seu antecessor Amintas, *basiléus*, é geralmente usado por Isócrates (e também por seus contemporâneos) para se referir ao rei persa – o *outro* por excelência.

Partindo deste questionamento, neste capítulo pretendemos nos centrar no discurso *Felipe* para analisarmos como o retórico irá trabalhar a figura política do macedônio, afastando-o de uma visão negativa, que o associasse ao bárbaro. Para isto, primeiro, iremos nos debruçar novamente sobre alguns substantivos utilizados por Isócrates, desta vez que remetam ao universo político, percebendo como os emprega e pensando como uns podem se relacionar com os outros. Separamos para esta tarefa, dois grupos de palavras: o primeiro, mais ligado ao agente – *basiléus, hetaíros* e *pólites*; o segundo, relativo à instituição – *basileía, monarquía, hegemonía* e *politeía.* Em seguida, adotaremos a metodologia utilizada no capítulo anterior, verificando dentro deste segundo discurso quais

[153] ISO.Pan.126-127. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.233-234.

características elenca como importantes e que deveriam ser adotadas por Felipe.

3.1 – UM *BASILÉUS* CIDADÃO

Se como vimos, no *Panegírico* Isócrates chama diretamente Amintas de *basiléus*, que podemos traduzir como rei ou soberano, em seu discurso posterior não irá atribuir diretamente esta designação a seu filho Felipe. Das 20 ocorrências deste termo no texto a ele dedicado, 17 estão relacionadas ao Rei persa, algumas das quais utiliza apenas o termo *basiléus* sem nem mesmo precisar de outra indicação, como lugar ou nome, demonstrando a forte ligação que esta expressão passou a ter com o sistema de governo persa, durante este período.

Todavia, se na maior parte do tempo Isócrates liga o *basiléus* àqueles que vê como bárbaros, é no único momento em que este poder é ligado a um grupo grego, que este termo aparece também relacionado de alguma maneira à Felipe. O retórico o instiga dizendo: "(...) deves pensar que terás um bom e grande prestígio quando colocares aos gregos na mesma situação que vês que os lacedemônios tem com seus reis e teus companheiros contigo."[154] Primeiramente, nos chama a atenção o paralelismo entre o sistema de governo lacedemônio e o macedônio, sendo nesta ocasião que Isócrates deixa transparecer a identidade de Felipe como rei – uma vez que os lacedemônios estariam para seus reis, como os seus companheiros (*hetaíroi*) para Felipe. Por outro lado, utiliza o termo *hetaíroi*, que no contexto grego, dentro do qual escrevia Isócrates, normalmente possui o sentido de "companheiros" além de poder carregar um certo caráter aristocrático e dependendo da conjuntura ser compreendido como até como cúmplice político. Sobre a Macedônia, David Konstan comenta haver indícios de que seus reis recorreriam a um conselho de companheiros, enquanto Claude Vial afirma que os *hetaíroi* seriam aristocratas da guarda do rei, com quem possuiriam vínculos pessoais, que combateriam a

[154] ISO. Fel. 80. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.180. Grifos meus.

cavalo e receberiam terras e privilégios.[155] Assim, podemos compreender *hetaíroi* como o grupo político mais próximo ao rei macedônico, que não apenas daria bases ao seu poder, mas também participaria de alguma forma da vida política. Deste modo, além da identificação trabalhada através do paralelo que faz com os lacedemônios – indubitavelmente gregos – o ateniense marca ainda uma diferenciação em relação aos persas, uma vez que, segundo Isócrates, entre os eles "aqueles que gozam de maior estima nunca viveram em igualdade nem em sociedade com outros nem com o estado".[156]

Então, se mais uma vez Isócrates faz um movimento de aproximação entre a figura de Felipe e uma identidade grega, equiparando o relacionamento que este tem com os seus companheiros (*hetaíroi*), com o dos lacedemônios com os reis (*basileîs*), passamos a nos indagar sobre como o sistema lacedemônio se inseriria dentro de um conceito de identidade grega, na visão política de um ateniense, embora possua ainda seus dois reis. A este respeito, Fouchard explica que, apesar deles terem um regime oligárquico e haverem grupos excluídos da cidadania, a ideologia políade que colocava os cidadãos como iguais levaria Isócrates a compreendê-los como uma isonomia, uma vez que, assim como a democracia, procurariam a igualdade entre os participantes da vida política.[157] Laura Sancho Rocher chega a afirmar que o retórico descreveria o regime lacedemônico como uma democracia com traços aristocráticos[158], o que talvez esteja um pouco além do pensamento isocrático que tendia a diferenciar esta *pólis* da sua. Entretanto, ambos autores nos mostram essa aproximação entre os sistemas de governo entendidos como gregos, que deveriam permitir a igualdade entre aqueles que estivessem dentro do grupo dos *pólites* (cidadão).

Assim, se os lacedemônios poderiam pertencer a esta identidade grega – na qual o cidadão é visto como igual, independentemente de sua condição de *basileús* ou não – seria possível se pensar o mesmo do caso macedônico. Mas,

---

[155] KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico.* Odysseus: São Paulo, 2005. p.87-88,137. VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga*. Martins Fontes: São Paulo, 2013.p.212.

[156] ISO.Pan.151. ISÓCRATES. *Discursos I.* p.240.

[157] Fouchard Alain. Des « citoyens égaux » en Grèce ancienne. In: *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 12, 1986. p.148-150.

[158] ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes.In: *Gerión*, Madrid. v.20, n.1, 2002. p.239.

se pode ficar alguma dúvida sobre até que ponto poderíamos considerar essa relação de Felipe com seus *hetaíroi* equivalente à ideia de uma cidadania, de uma igualdade; é o próprio Isócrates que, ao recordar os feitos do pai daquele, nos ilumina:

> "Teu pai teve boas relações com todas estas cidades que te animo a atender. Ele que adquiriu vosso poder pensou mais em seus concidadãos que em seu próprio desejo de monarquia, mas não pensou como aqueles que tem ambições parecidas."[159]

Neste momento, em seu original o retórico se vale da palavra grega *pólites* para se referir àqueles ao entorno do rei Amintas III. Este termo que podemos traduzir como cidadão ou concidadão, era também utilizada na acepção de um membro que exerce funções em sua comunidade cívica, em contraste com o vocábulo *astós* que designaria o cidadão como membro por nascimento – não sendo necessariamente um elemento ativo politicamente. [160] Se por um lado podemos pensar neste uso como uma questão retórica ou mesmo uma projeção do ateniense com base em sua própria cultura, por outro sabemos que embora a realeza fosse hereditária na Macedônia, o rei deveria ser legitimado por uma assembleia, além de apresentar uma estrutura política que demonstra a participação da aristocracia local.[161] Assim, seja qual for o conhecimento do autor sobre aquela realidade, ainda resta a intencionalidade da aproximação entre as duas culturas e o desejo de incutir em Felipe os valores que julga adequados a um líder grego.

Como vimos, a rememoração do passado serviria também para mostrar ao rei macedônio modelos aos quais deveria seguir, portanto ao afirmar que seu pai teria tomado decisões sem pensar apenas em seus desejos individuais, a *monarkhía*[162], e sim no que seria melhor para todos, Isócrates pretendia mostrar-lhe como atuar não apenas com aqueles pertencentes a seu grupo político, mas também com relação às cidades gregas, como sugere inicialmente. Desta forma,

---

[159] ISO. Fel.106. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.186. Grifo meu.
[160] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.* p.242. VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga.* p.90-92.
[161] MELERO, R.L. *Filipo, Alejandro y el mundo helenístico*. p.9-10. CABANES, P. Société et Institutions dans les monarchies de Grèce septentrionale au IVe siècle. In: *Revue des Études Grecques*. Tome 93, fascicule 442-444, Julho-Dezembro, 1980. p.346-347.
[162] Trataremos melhor deste termo mais a diante.

se como comenta Cabanes parece haver indícios de que na Macedônia o rei seria o representante dos interesses da população macedônica, que lhe reconheceria e ofereceria assistência[163], seria este mesmo sentimento que o ateniense pretendia que Felipe desenvolvesse com relação às *póleis* gregas – alargando de certa forma seu conceito de cidadania e se alinhando com seu pensamento pan-helenista. E então retornamos ao momento em que Isócrates incita o monarca a colocar os gregos na mesma situação que os lacedemônios com seus reis e os *hetaíroi* com ele[164], uma vez que esta ideia pressupõe não apenas certo alargamento do conceito de cidadania, mas principalmente, deixa transparecer a relação de igualdade que o ateniense desejava que se instalasse entre Felipe e as *póleis*, demonstrando que o papel a ser realizado pelo macedônio dentro deste universo político seria de um líder (*hégemon*) e não de um *basiléus*.

3.2 – UM *BASILÉUS* (GREGO) DOS BÁRBAROS

Dentro do grupo de substantivos que separamos para análise nesta sessão (*basileía, monarkhía, hegemonía* e *politeía*), percebemos uma semelhança no padrão de uso de 2 termos – *basileía* e *monarkhía*. Embora o primeiro vocábulo seja utilizado 6 vezes e o outro apenas 4, em ambos apenas 1 das ocorrências da palavra está ligada a um anti-modelo ou contra ponto, a um personagem a quem ele não deve seguir ou a quem ele deve se opor, enquanto as outras aparições estão ligadas a exemplos do que Felipe deveria ser ou fazer.

Entre aqueles a quem o macedônio deve ir contra encontramos novamente o persa:

> "E posto que Jasão, utilizando apenas a palavra, tanto aumentou seu prestígio, que opinião há de esperar que todos tenham de ti, se fizesses isto e intentasses sobre tudo destruir todo o reino persa, ou, se não, deslindar o maior território possível e a partir

[163] CABANES, P. Société et Institutions dans les monarchies de Grèce septentrionale au IVe siècle. p.342-343.
[164] ISO. Fel. 80. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.180. Primeira citação da fonte desta mesma sessão.

> da Ásia, como dizem alguns, desde Cilícia e Sínope, e ademais adquirir cidades neste lugar e estabelecer aqueles que agora andam errantes pela falta de sustento cotidiano e fazem dano a quem os encontram?"[165]

Quando verificamos a expressão utilizada em grego, percebemos que o retórico utiliza somente o termo *basileía* para se referir ao reino persa, não necessitando de nenhum complemento para indicar a quem se atribuiria este sistema. Além disso, notamos que ela aparece como aquilo que deve ser destruído por Felipe, pois é a isto que o retórico o instiga não apenas neste momento mas em todo seu discurso. Ao mesmo tempo compreendemos que a ação não deveria se esgotar na destruição do reino persa, mas esta possibilitaria a conquista de territórios onde seria possível estabelecer os errantes, e como coloca mais a frente, organizar cidades que serviriam de limite e defesa para a Grécia[166]. Assim, ao incitar o macedônio a se voltar contra o reino persa Isócrates mostrava que ele deveria presar pelo bem comum dos gregos, pois assim adquiriria um prestígio mais adequado a sua posição.

O outro personagem que aparece como um "anti-modelo" é Dionísio, o tirano de Siracusa. É interessante perceber como Isócrates, que no *Panegírico* associava este personagem à tirania, agora fala sobre seu desejo exacerbado pela monarquia (*monarkhía*). Todavia, não devemos esquecer que mesmo naquele momento tirania e monarquia apareciam lado a lado como instituições não desejadas, uma vez que acusava os lacedemônios de colaborarem com os dirigentes destes tipos de sistemas[167]; além disso, esta confusão e certa correspondência entre os termos (*monarkhía*, *tyranía* e *basileía*) parece ter sido corrente, uma vez que caracterizam formas de poder pessoal, apresentadas como mais ou menos legítimas pelos autores devido a suas intencionalidades ao longo do tempo[168]. Devemos nos lembrar ainda que antes de escrever à Felipe, o ateniense já havia escrito ao próprio Dionísio embora a carta ao que parece não tenha sido acabada[169], o que reforça a ideia de que estas construções sejam

[165] ISO. Fel.120. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.190. Grifo meu.
[166] ISO. Fel.122. ISÓCRATES. *Discursos II.*p.190-191.
[167] ISO. Pan.126. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.233-234.
[168] SUÁREZ, D. P. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. In: *Gerión.* 2007, 25, núm.1, p.127-166..
[169] ISÓCRATES. *Discursos II.*p.271, 276-278.

circunstanciais e desenvolvidas com base nas necessidades e mudanças políticas contextuais.

Ao macedônio escreve:

> "Dionísio – quero te convencer com muitos argumentos de que é fácil a empresa para a qual estou te convidando – que era entre os siracusanos um indivíduo insignificante por seu nascimento, sua fama e todo o demais, desejou a monarquia de maneira absurda e extraviada e se atreveu a fazer tudo o que levaria a este poder: se apoderou de Siracusa, conquistou todas as cidades gregas da Sicília e se rodeou de tanta força terrestre e marítima como nenhum homem que viveu antes dele."[170]

Se a princípio ficamos em dúvidas se este seria realmente um exemplo que não deveria ser seguido, uma vez que aponta as vitórias de Dionísio; ao analisarmos mais atentamente vemos que ele dá ênfase na "maneira absurda e extraviada" com a qual desejava a monarquia (*monarkhía*), o que se opunha a forma com a qual o pai de Felipe (e seu modelo a ser seguido) se comportara a esta vontade – como vimos anteriormente, este havia pensado mais em seus concidadãos (*pólites*). Assim, novamente Isócrates quer chamar a atenção do rei macedônico para que ele não se exceda em suas ações como monarca, o que talvez revele um certo temor pelo que poderia acontecer a sua *pólis* caso Felipe continuasse suas investidas no território grego.

No que diz respeito ao exemplo a ser seguido pelo macedônio, é a figura paterna que mais aparece ligada a ambos os termos – mesmo se no *Panegírico* Amintas, já descrito como *basiléus*, tenha sido colocado ao lado de Dionísio e do rei persa durante sua crítica aos lacedemônios[171]. Agora suas esperanças se voltavam para Felipe, por isso precisaria encontrar modelos dentro do sistema no qual este se inseria para que houvesse alguma identificação. Sobre seu pai, o retórico afirma:

> "(…) se despreocupou totalmente do território grego e buscou estabelecer o reino na Macedônia. Sabia, com efeito, que os

[170] ISO. Fel.65. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.176. Grifo meu.
[171] ISO. Pan.126. ISÓCRATES. *Discursos I*.p.233-234.

> gregos não estão acostumados a suportar monarquias, mas que outros não podem administrar sua vida sem esta dominação. E ocorreu que, por causa de seu conhecimento singular sobre isto, seu reino resultou em algo muito diferente dos outros. Porque foi o único que pode escapar dos perigos que existem nas monarquias."[172]

Como comentamos anteriormente, a utilização de termos como *basileía* e *monarkhía* muitas vezes parece ter certa equivalência durante a antiguidade. Neste fragmento, podemos perceber que estas expressões, traduzidas respectivamente por "reino" e "monarquias", apresentam certo paralelismo ou proximidade entre elas, visto que ambas são utilizadas para explicar aquele contexto político; todavia, ainda é possível perceber distinções sutis no uso de cada uma. Se ambas dizem respeito a uma forma de poder pessoal, entendemos que aqui o termo monarquia está vinculado ao domínio mais direto das populações, talvez com o sentido mais próximo daquele que Domingo Plácido Suárez distingue em Heródoto no qual não haveria nem a prática de colocar as questões em comum, nem a rendição de contas[173]; um sistema político incomum aos gregos daquele período e ao qual, aparentemente para Isócrates, o pai de Felipe teria escapado.

Apesar disso, o retórico afirma que ele teria estabelecido um reino (*basileía*) na Macedônia e que este teria resultado diferente de outros (pois Amintas saberia o que diferenciaria os gregos dos demais), portanto a escolha deste vocábulo para designar o sistema de governo macedônico pode indicar a tentativa de vinculação com a forma de realeza antiga que carregava o prestígio da tradição heroica.[174] Identificando o rei macedônico com o "*basileús* homérico" não apenas o colocava dentro de um ambiente grego, mas também o inseria em um sistema legítimo, uma vez que embora ele detivesse o poder ainda estaria dentro de uma sociedade política, na medida em que faria parte de um conselho do qual ele seria o primeiro.[175] Assim, se justificaria a prerrogativa de liderança de um rei que como vimos faria parte de um grupo de cidadãos (*pólites*).

---

[172] ISO. Fel.107-108. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.186-187. Grifos meus.
[173] SUÁREZ, D. P. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. p.128.
[174] SUÁREZ, D. P. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. p.151.
[175] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.* p.206-207. VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga.* p.324-325.

Além disso, o termo reino (*basileía*) aparece nesta ocasião ligado à questão do território, como indica o início da passagem na qual o retórico opõe simetricamente a despreocupação que Amintas teve com o território grego (*tópon tòn hellenikón*), com o fato de ter constituído seu reino na Macedônia, sendo o primeiro fator a sugerir a diferenciação que o retórico faz entre a Macedônia e os gregos. Em seguida, ressalta que estes não estariam acostumados à monarquia, pois os sistemas gregos presumiam (ao menos teoricamente) uma igualdade entre seus cidadãos (*pólites*); já outros teriam a necessidade de dominação por não saberem se auto-administrar, dentre os quais subentendemos aqueles que viviam na Macedônia. Por outro lado, deixa claro que o pai de Felipe seria um grego embora tenha sido o único a mandar (*arkhé*) em outros povos. Declaração que se pauta em uma tradição que remonta Heródoto, e este nos conta que não apenas a realeza macedônica se pretendia grega, como ainda teria sido reconhecida pelos Helanócides, os supervisores dos jogos Olímpicos.[176]

Assim, acreditamos que neste discurso Isócrates não pretendia inserir a Macedônia como um todo dentro do território grego, mas apenas reafirmar a ascendência grega de seu rei, justificando não somente uma aliança com o monarca contra os persas, mas também sua liderança em uma guerra. Ao mesmo tempo em que definia estes espaços e a identidade grega de Felipe, o retórico afirmava a importância do conhecimento desta distinção entre gregos e não gregos e suas especificidades políticas para saber o que esperar e como agir com cada um destes grupos. Em outras palavras, o ateniense desejava convencer o rei macedônio a não se lançar sobre as *póleis* – principalmente a sua – de forma dominante, o que poderia fazer com outros povos.

Por outro lado, se Felipe, mesmo sendo grego, se fazia rei dos macedônios, que seriam bárbaros, talvez fosse por isso que ele não estaria preso a uma constituição (*politéia*), como os lacedemônios, os outros descendentes de Héracles:

> "Também por isto, creio que te convém se colocar a frente da guerra contra o rei, quando os demais se mostram tão covardes. E convém aos outros descendentes de Héracles e àqueles que

[176] HER. Hist. V, 22. HERÓDOTO. *Historia V-VI.* Gredos: Madrid.p.43-44.

> estão ligados a uma constituição e a leis se contentar com a cidade que habitam. Mas tu, que estás livre, tens que considerar toda a Grécia como tua pátria, igual a vosso antepassado, e correr perigos em sua defesa como por aquilo que mais desejas."[177]

Ao instiga-lo a comandar uma expedição contra os bárbaros, Isócrates acaba por contrapor o seu modo de vida ao sistema lacedemônio, ou mesmo grego – regido pela constituição (*politéia*) e leis (*nómos*). Ainda que o usual seja traduzir o termo *politéia* como "constituição", seu sentido é mais amplo se referindo não apenas ao conjunto de instituições de uma *pólis*, como também às estruturas da sociedade, modo de vida entre outras.[178] Assim, embora o ateniense se esforce para inserir Felipe dentro de um sistema legítimo utilizando, como vimos anteriormente, termos gregos como *hetaíroi* e *pólites* ao se referir aos monarcas macedônios, agora o retórico o exclui deste modo de vida político próprio das cidades gregas. Por outro lado, não vê neste alheamento algo negativo e sim uma solução, pois seria o que possibilitaria a ele considerar a toda a Grécia sua pátria e como seu antepassado, Héracles, defende-la.

Ainda sobre este antepassado mítico e seus descendentes, Isócrates demonstra suas ligações com as que considerava as principais *póleis* – Argos de onde se originariam, Tebas, Esparta e Atenas.[179] Não deixa, é claro, de ressaltar o papel de sua *póleis* que segundo a tradição teria auxiliado aos filhos de Héracles, demonstrando a dívida que seus descendentes, como Felipe, teriam com os atenienses. De tal modo, se pretendia alçar o macedônio ao posto de liderança, também desejava resguardar um local de importância para sua cidade em uma possível aliança, ou antes convencer Felipe a não se voltar mais diretamente contra Atenas.

> "(...)aos descendentes daqueles os lacedemônios os hão concedido para sempre a realeza e hegemonia. E aqueles a quem confiamos para os assuntos antigos dizem que nossa cidade contribuiu para a imortalidade de Héracles – de maneira que podes averiguar facilmente, mas não é oportuno que te diga

[177] ISO. Fel.127. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.192. Grifo meu.
[178] MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega.* p.241. VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga.* p.304-305.
[179] ISO. Fel.32-34. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.167-168.

> agora – e a salvação de seus filhos. Pois a nossa cidade foi a única que se expôs aos maiores perigos ante o poder de Euristeu e fez cessar a grandíssima insolência e livrou aos filhos de Héracles do medo que sempre os acompanhava. Por estes feitos nos devem ter agradecimento, não só aos salvadores de então, mas também aos que agora existem. Porque graças a nós vivem e gozam de seus bens. Por outro lado, se não tivessem salvado seus antepassados, nem se quer viveriam."[180]

Também é neste momento que podemos perceber a evidência da diferença entre os termos *basiléia* e *hegemonía*, títulos que teriam sido concedidos pelos lacedemônios aos filhos de Héracles. Sobre a realeza (*basiléia*), podemos dizer que, como vimos, estes mantinham ainda seus dois reis, que seriam descendentes dos Heráclidas – bem como Felipe. Entretanto se é difícil apreender o que os difere, ao menos conseguimos entender o que os aproxima, neste caso, o fato de ambos serem poderes concedidos pelos lacedemônios a eles. Além dessa característica, segundo Antela-Bernárdez, neste contexto, a *hegemonía* se ligaria a ideia de um domínio prático de caráter militar sobre a Hélade, vinculada questão da liberdade dos gregos e luta contra o bárbaro, mas que não implicava o direito de atuação na política interna das demais *póleis* – consistindo em violações este tipo de conduta.[181] Forma de comando que embora Isócrates não diga diretamente, é o que parece querer convencer Felipe a manter com as cidades gregas, ou seja, já que estas não estariam acostumadas com a monarquia (um estilo de poder pessoal), o que seria aceitável dentro do universo das *póleis* seria uma liderança delegada por elas para um propósito específico (fazer a guerra contra os bárbaros), sem que as instituições internas de cada uma delas fosse afetada – a mesma forma de poder que em seu *Panegírico* [182] buscava para a sua cidade.

A outra ocasião que o ateniense utiliza do termo *hegemonía*, acontece no momento em que fala sobre os infortúnios de Alcebíades:

---

[180] ISO. Fel.33-34. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.168. Grifos meus.

[181] ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo.p.72-74.

[182] Nele encontramos indicações mais diretas desse desejo, o que nos ajuda a supor as intenções em seus escritos posteriores. Neste seu primeiro discurso pan-helênico, ao justificar as prerrogativas de sua *póleis*, chega a dizer "Por que se devesse honrar em cada empresa aqueles que são mais espertos e poderosos, sem discussão nos corresponde tomar a hegemonia que antes tivemos (...)" ISO.Pan.21. ISÓCRATES. *Discursos I*. p.205. Grifo meu.

> "Os lacedemônios, que então tinham fama de afortunados, se encontram em sua atual calamidade por culpa de Alcebíades. Porque, persuadidos por ele, desejaram o domínio do mar, e perderam sua hegemonia terrestre, de forma que não se poderia demonstrar que mente quem diga que o começo dos males presentes dos lacedemônios foi quando lograram o domínio do mar."[183]

Aqui a *hegemonía* aparece como o poder que os lacedemônios perderam por desejarem mais do que lhes era devido, na visão do autor – o domínio do mar, pertencente a Atenas. Esta afirmação nos leva a pensar sobre a questão da divisão desse poder, uma possibilidade que já havia sido indicada no *Panegírico* quando o retórico comenta que aquele que "quer lograr algo, busque aquelas palavras que persuadam a ambas cidades a ter os mesmos direitos entre elas, a repartir as hegemonias (...)."[184] Se como dissemos o ateniense buscava ainda resguardar algum papel de destaque para sua cidade, podemos pensar que neste momento os lacedemônios sirvam também como um anti-modelo, pois não respeitaram o domínio ateniense sobre o mar, desejando mais do que lhes era devido, e por isso caindo em desgraça. Assim, Felipe deveria ter mais comedimento para não atrair para ele as mesmas desventuras que aqueles tiveram.

3.3 – HÉRACLES: UM MODELO A SEGUIR

Do mesmo modo que, no capítulo sobre a educação grega, buscamos no *Panegírico* distinguir as qualidades que fossem mais emblemáticas para pensar a questão do pertencimento à identidade grega e sua oposição aos persas, procuramos dentro do discurso *Felipe* os elementos que demonstrariam esta mesma relação de pertencimentos, agora diferenciando o monarca macedônico do Rei persa. Nos debruçamos, mais precisamente, dentro do seguimento que

[183] ISO. Fel.60-61. ISÓCRATES. *Discursos II*.p.175. Grifo meu.
[184] ISO. Pan.17. ISÓCRATES. *Discursos I.* p.204. Grifo meu.

Hermida denomina “Superioridade de Felipe sobre os persas; elogio de Héracles, antepassado de Felipe; consequências favoráveis da conquista do império persa, ou, ao menos da Ásia Menor (80-123)”, porém, percebemos que as críticas aos persas repetiam as elaboradas no primeiro discurso, motivo que nos levou a nos centrarmos nas qualidades desejadas para Felipe. Desta forma, pretendemos agora analisar algumas das colocações de Isócrates sobre Héracles, herói e ancestral mítico de Felipe, que emerge como o grande modelo a ser seguido pelo monarca macedônio na obra a ele destinada.

Depois de discursar sobre os exemplos de Amintas III[185], o retórico passa aos de Héracles, já deixando implícita sua adesão à tradição que inseria a família real macedônia nesta ancestralidade grega. Mas assim que inicia alerta que não pretende falar sobre os assuntos normalmente abordados, como os seus trabalhos, pois como vimos anteriormente Isócrates costuma ressaltar o valor da palavra acima da força física, indicando o caminho das discussões para a resolução dos problemas:

> “Sobre Héracles os demais continuam cantando seu valor e enumerando seus trabalhos, mas nenhum poeta nem prosista recordou jamais suas outras qualidades espirituais. Eu creio que esta oportunidade é minha e que está totalmente inexplorada, que não é tarefa pequena nem inútil senão plena de muitos elogios e de belas ações, e que requer alguém capaz de explica-la dignamente. Se me tivessem encarregado desta tarefa quando era mais jovem, haveria demonstrado com facilidade que vosso antepassado superou a seus antecessores em inteligência, honra, e justiça mais que em força física. .”[186]

Neste momento, Felipe já adentrara o território grego, ocupando praças anteriormente sob domínio ateniense, por isso era necessário oferecer-lhe um exemplo de conduta voltada para as qualidades que levariam ao diálogo com sua cidade, para que seu poder não recaísse de forma desastrosa sobre ela. Assim, a escolha em abordar o herói mítico ancestral do macedônio, possibilitava que Isócrates não apenas indicasse a ligação da linhagem do monarca com a

[185] O modelo proporcionado por ele foi abordado anteriormente, principalmente quando discutíamos a respeito da monarquia, por isso decidimos deixa-lo fora desta parte.
[186] ISO. Fel.109-110. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.187.

sua *pólis* (do mesmo modo que fez no *Panegírico* com relação aos lacedemônios), mas também delimitar quais seriam as características mais desejadas para aquele que viesse a ser um futuro líder grego – sendo preferível que cultivasse a inteligência (*phronései*), honra (*philotimía*) e justiça (*dikaiosúnei*) do que a força física (*rómei sómatos*). Mais adiante, o retórico completa:

> "Não digo que poderás imitar todas as façanhas de Héracles – pois alguns dos deuses tampouco poderiam – senão que, ao menos poderias te equiparar a suas decisões no tocante a seu caráter, sua filantropia e a benevolência que sentia para com os gregos. Se fazes caso de minhas palavras, alcançarás a fama que tu queres. Porque é mais fácil adquirir desde a situação presente o prestígio mais belo que conseguir o que agora disfrutas pela herança que recebeste. Veja que estou convidando a ações pelas que farás uma expedição militar não com os bárbaros para atacar aqueles que não é justo fazê-lo, mas com os gregos contra povos a quem convém que ataquem os descendentes de Héracles."[187]

Se seria humanamente impossível que Felipe realizasse os mesmos feitos de seu antepassado, Isócrates destaca quais os atributos mais importantes aos quais ele deveria se ater, como o caráter (*psukhês êthos*), a filantropia (*philanthropían*) e a benevolência (*eúnoian*). Todavia, não devemos pensar que estas qualidades deveriam ser compartilhadas com todos os povos, uma vez que logo abaixo o retórico vai novamente estabelecer os grupos com quem se deve ou não fazer a guerra. Desta forma, fica claro que o ateniense pretende que aquelas virtudes sejam exercitadas por Felipe com relação à sua e as demais *póleis*. Além disso, anteriormente teria relembrado as interações de seu ancestral na Grécia:

> "Héracles, ao ver que a Grécia estava plena de guerras, revoltas e muitas outras calamidades, fez cessar isto e reconciliou as cidades entre si. Assinalou para a posteridade com quem convém fazer a guerra e contra que inimigos. Fez uma expedição contra Tróia, então a maior potência da Ásia, e tanto

[187] ISO. Fel.114-115. ISÓCRATES. *Discursos II*. p.188-189.

> se destacou por sua estratégia dos que depois fizeram esta guerra, que estes últimos com dificuldade a conquistaram em dez anos contando com o poder da Grécia, mas Héracles facilmente a tomou pela força em dez dias ou menos e com poucos companheiros."[188]

Aqui, Héracles emerge como o grande líder do passado que teria solucionado todos os problemas pelos quais os gregos passavam, como Felipe deveria o ser agora. Além disso, teria levado a guerra à Ásia definindo com que fazer a guerra, e mais do que isto, contra estes teria não apenas se destacado por sua estratégia, como também a conquistado pela força. Assim, podemos perceber duas posturas distintas que deveriam ser tomadas por aquele que desejasse ocupar seu lugar no presente: a primeira, dentro da Grécia, assumindo um papel de reconciliador dentro do universo das *póleis* – pautado nas qualidades que Isócrates havia se disposto a tratar; a outra, em seu exterior, onde o uso da força seria justificado em uma guerra contra o inimigo bárbaro.

[188] ISO.Fel.111-112. ISÓCRATES. *Discursos II.* p.188.

CONCLUSÃO

Podemos perceber que haviam vários níveis de conflitividade naquele ambiente grego do princípio do século IV a.C., indo desde as desavenças dos grupos aristocráticos no interior de cada cidade, às guerras entre elas e também com o exterior da Hélade. Além de revelar que estas diversas camadas de conflitos acabavam por se influenciarem umas às outras de formas variadas, o que demonstra uma complexidade maior do que os binarismos que são costumeiramente lembrados, apontando para a necessidade de compreendermos melhor as intenções e interações dos diversos grupos – indo além de oposições como gregos e bárbaros, atenienses e lacedemônios, democratas e oligarcas, entre outros; entendendo que entre alguns grupos e em algumas situações essas identidades poderiam se permear e até mesmo serem repensadas.

Se o objetivo principal dos dois discursos analisados era o fim das guerras entre os gregos mediante a uma expedição contra os persas, logo percebemos que haveriam conflitos indesejados e outros desejados. Dentro do primeiro grupo, estão tanto aqueles internos à cada uma das cidades[189] quanto aos realizados entre elas e também contra Felipe; afinal, eram estas as guerras que estavam acarretando tantos males e devastando as *póleis* neste período, sendo parte da vivência do próprio autor. No que diz respeito aos desejados, encontramos a guerra contra os persas, que irá aparecer, de um lado, quase como um símbolo do trabalho em conjunto entre as cidades pela proteção do território grego no passado, e do outro, como a tão sonhada expedição a ser feita no presente.

Além disso, podemos perceber que embora ambos os discursos proponham esta guerra contra os persas e pretendam sugerir aquele que seria o líder de tal empreitada, diferem sobre quem seria esta figura. Mudança esta que se deveria a seus contextos particulares; assim, no *Panegírico*, o retórico parece ainda acreditar na possibilidade de sua cidade assumir este papel de primazia, mas conforme esta perde o poder que tinha conseguido restabelecer

[189] Ou talvez, se pensarmos o local de escrita de Isócrates, a oposição mais precisa seja contra as lutas internas que ocorriam em sua cidade, Atenas.

pouco tempo depois daquele discurso, e a Macedônia se estabelece como uma nova potência capaz de tomar praças que até então estariam sobre o domínio ateniense, seu monarca Felipe II emerge como uma nova esperança. Demonstrando também que as interações com o ambiente exterior às *póleis* poderiam ser ambivalentes e contrastantes, pois se de um lado Isócrates assume a possibilidade da liderança deste monarca macedônio, visto por outros, como Demóstenes, como um inimigo; de outro pretende convencer aos seus a realizarem uma guerra contra o Rei persa, que em sua construção retórica personificaria os males a serem evitados.

Mas as obras tratavam também do anseio pelo fim das guerras que se travavam entre um grupo que Isócrates acreditava ser pertencente a uma cultura comum. Então, chegamos a dois termos que embora próximos se diferenciariam dentro das obras estudadas – paz (*eiréne*) e concórdia (*eúnoia*). Compreendemos que a paz (*eiréne*), nas obras estudadas, muitas vezes chega a denotar uma concepção quase institucional, vinculada a uma prática política, materializada nos tratados, mas que não representavam um consenso ou uma compreensão mútua entre as *póleis*. Talvez por isto mesmo os acordos de paz seriam sistematicamente burlados por um ou outro lado, o que também deixa transparecer a efemeridade destes pactos. Por outro lado, a concórdia emergiria como um entendimento entre as cidades, significando um bom relacionamento entre elas, e por isto, constituiria uma esperança de um acordo mais duradouro. Assim, se a ideologia pan-helenista visaria a Paz Comum (*Koiné Eiréne*) entre as *póleis*, Isócrates se mostrava insatisfeito com as tentativas frustradas do estabelecimento da paz em sua época, apontando para a necessidade de ir além dos tratados, elencando como objetivo também a concórdia (*eúnoia*) entre as cidades.

Por outro lado, tanto a paz (*eiréne*) quanto a concórdia (*eúnoia*) entre os gregos estariam vinculadas à guerra contra os bárbaros – uma sendo sempre a condição para a existência da outra. E neste ponto a análise das afinidades, queixas, conselhos e demais ideias de Isócrates que orbitam estes termos, nos ajudam a delinear as identidades presentes em ambas as obras e perceber quais as relações que o retórico gostaria que fossem cultivadas com cada uma delas. Se a grande oposição é esta entre gregos e bárbaros, percebemos o desagrado do retórico com a chamada Paz do Rei, pois compreendia que com aquele

deveriam apenas travar a guerra. Por outro lado, percebemos que o mesmo não ocorre em relação à figura de Felipe, uma vez que tenta convencer o monarca a levar não apenas a paz, como também a concórdia aos gregos.

Assim, se Isócrates delineia uma série de identidades com as quais se deveria fazer a paz ou a guerra, estas seriam diferenciadas por ele a partir de suas culturas/ educações. Sendo a compreensão do que deveria "ser grego" para ele passando pelo crivo ateniense, vemos o retórico atribuir a sua cidade uma série de qualidades que seriam as desejáveis, como a proeminência nos assuntos bélicos, elencar a palavra acima da violência e pensar no bem comum. Do mesmo modo, também a descreve como dadivosa, levando às demais *póleis* os bens recebidos da colheita e dos mistérios, bem como a filosofia e oratória. Estes apareceriam juntamente com a forma de organização, governo, leis e constituição, como características comuns aos gregos dentro de seu *Panegírico*. Mas, para além de todas estas características e fatores em comum, encontramos ainda a inimizade aos persas descrita como elemento aprendido através dos poemas. Logo, os persas seriam descritos pelo oposto desta identidade grega, ou antes ateniense, sendo excluídos dos mistérios, seriam educados para a escravidão, não viveriam em igualdade nem sociedade, seriam maus guerreiros entre outras características que deveriam ser depreciadas pelos gregos.

Todavia, se por um lado Isócrates relaciona esta educação persa ao sistema de governo destes, percebendo a ambos como indesejados; por outro, no discurso *Felipe* justifica a liderança de um rei macedônio sobre as *póleis* gregas. Para tal, o retórico se vincula a uma tradição antiga, ligada aos Jogos Olímpicos, que dizia que a família real macedônica seria descendente de Héracles. Do mesmo modo, ele parece querer ligar a realeza (*basileía*) da Macedônia ao antigo conceito dos tempos homéricos, segundo o qual o rei (*basiléus*) seria entendido como o primeiro dentro de um conselho de iguais – divergindo da visão construída sobre o Rei persa, que estava associado a uma imagem de dominação e servidão. Desta forma, aproxima o sistema macedônio do ideal de um governo de cidadãos ativos, que se governam e são governados.

Por outro lado, mostraria através dos relatos sobre seu pai que este havia instituído seu reino na Macedônia por saber que os gregos não suportavam a dominação, definindo uma fronteira identitária entre estes dois povos. Além disso, não haveriam objeções sobre a dominação de povos não gregos, pois

estes, no seu entendimento, não saberiam se governar sozinhos. Desta forma, se por um lado, percebemos a diferenciação que o ateniense faz entre Felipe (visto como grego, inserido em uma comunidade política) e os macedônios (que seriam bárbaros, e não saberiam se gerir sozinhos), por outro, apreendemos que Isócrates pretendia mostrar a Felipe que deveria tratar a cada um destes grupos da maneira que fosse adequada – poderia ser rei (*basiléus*) de outros povos, mas não dos gregos, destes deveria almejar a liderança militar em uma empreitada contra os persas.

Do mesmo modo, o ateniense parece tentar demonstrar a Felipe como deveria se portar, oferecendo-lhe modelos como seu pai Amintas III e principalmente seu ancestral mítico Héracles. Ao último atribuía uma série de características que deveriam ser cultivadas pelo monarca macedônio – como inteligência, honra, justiça, caráter, filantropia e benevolência – e praticadas com relação às *póleis*. Assim, estas não seriam apenas características desejadas para um líder grego, mas também necessárias para que Felipe não se voltasse de forma tão violenta contra a cidade de Atenas – contra quem vinha obtendo vitórias em outras regiões. Entretanto, se por um lado Isócrates elevava a palavra acima da violência; por outro, percebemos novamente a diferença de tratamentos que deveriam ser dados a cada grupo, pois se aos gregos o ateniense busca uma relação de diálogo, aos bárbaros, certa violência parecia justificada, visto que o próprio Héracles teria tomado Tróia pela força – e não pelas outras qualidades que o retórico destaca.

Além disso, mesmo justificando e propondo a liderança do macedônio em seu discurso *Felipe*, o ateniense não deixa de tentar preservar algum papel de preponderância para sua cidade. Desta forma, lembrar do antepassado mítico do monarca, seria também rememorar o auxílio oferecido pela *pólis* aos filhos de Héracles, ligando por laços de reciprocidade seus descendentes e colocando Atenas em um lugar de superioridade. Igualmente, ao denunciar que a falta de medida lacedemônia, que cobiçara o poder marítimo (vinculado aos atenienses) mesmo já detendo o terrestre levando-os à ruina, pretendia mostrar a Felipe que não deveria desejar um domínio absoluto. Se pensarmos que o contexto não se mostrava favorável aos atenienses, ficará difícil imaginar que o retórico pretenda uma partilha da hegemonia entre sua cidade e o monarca, mas podemos ao menos compreender que ele tinha a intenção de resguardá-la o máximo possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

ISÓCRATES. *Discursos I.* Madrid: Gredos.

_____. *Discursos II.* Madrid: Gredos.

http://remacle.org/bloodwolf/orateurs/isocrate/philippe.htm Acesso em: 17 de julho 2014.

http://www.perseus.tufts.edu/

DEMÓSTENES. *Discursos Políticos I*. Madrid:Gredos.

HERÓDOTO. *Historia V-VI*. Madrid: Gredos.

DICIONÁRIOS E CONSULTA

Diccionário Manual Griego: griego clásico- español. Vox.

PEREIRA, S.J.I. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8ª edição. Braga: Livraria A.I.

RAGON, E. *Gramática Grega.* São Paulo: Odysseus editora, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática:* do português contemporâneo. 6ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE, J. Panhelenismo y Cosmopolitismo en el Pensamiento Griego Antiguo. In: MOYANO, E.R.(ed.) *Curso de Cultura Clásica 2009*. Universidad del País Vasco, 2011.

ANTELA-BERNÁRDEZ, B. Hegemonía y Panhelenismo: Conceptos Políticos en tiempos de Filipo y Alejandro. In:*Dialogues d'histoire ancienne.*, vol.33, nº2, 2007,pp.69-89.

CABANES, P. Société et Institutions dans les monarchies de Grèce septentrionale au IVe siècle. In: *Revue des Études Grecques*. Tome 93, fascicule 442-444, Julho-Dezembro, 1980.

CLOCHÉ, P. *Isocrates et son temps.* Paris:Les Belles Letres.

COOK, R.M. *Os gregos até Alexandre*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

DURANT, W. *The Life of Greece.* New York: Simon and Schuster.

EFFENTERRE, Henri van. *A Idade Grega 550 a 270 a.C.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

ENNE, A.L.S. Redes de Memória e História na Baixada Fluminense: práticas discursivas, processos de configuração e reconfiguração das identidades sociais. In:LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. *Para Além da Identidade:* Fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

FERNANDES, F. (coord.) *Identidades e Fronteiras no Medievo Ibérico*. Curitiba: Juruá, 2013.

FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: LEÃO, D.F.; FERREIRA, J.R.; FIALHO, M.do C. *Cidadania e Paideia*: na Grécia Antiga. Coimbra: CECH, 2010.

_____. Hélade, Pan-helenismo e Identidade Helénica. In: FIALHO, M.C.; SOUSA E SILVA, M.F.; PEREIRA, M.H.R. *Génese e consolidação da ideia de Europa:* vol.I: de Homero ao fim da época clássica. Coimbra: Imprensa da Universidade 2005.

FOUCHARD, A. Des « citoyens égaux » en Grèce ancienne. In: *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 12, 1986.

GABRIEL, R.A. *Philip II of Macedonia:* Greater than Alexander. Washington D.C.: Potomac Books,2010.

GIUST-DESPRAIRIES, F. A identidade como processo, entre ligações e desprendimento. In: ZUGUEIB NETO, J. (Org.) *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade.* Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2005.

GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Vozes: Rio de Janeiro, 1972.

_____. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GODELIER, M. *O Enigma do Dom.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto*: Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____. *Memória de Ulisses:* Narrativas sobre fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HASKINS, E. *Logos* and Power in Sophistical and Isocratean Rhetoric. In: POULAKOS, T.; DEPEW, D. *Isocrates and Civic Education.* United States of America: University of Texas press, 2004.

IJESSELING,S. Rhétorique et Philosophie. Platon et les Sophistes, ou la Tradition Métaphysique et la Tradition Rhétorique. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Quatrième serie, tome 74, n.22,1976.

ISÓCRATES. *Discursos I*. Madrid: Gredos.

_____. *Discursos II*. Madrid: Gredos.

JAEGER, W. *Paidéia:* a formação do homem grego. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

JONES, P.V. *O mundo de Atenas:* uma introdução à cultura clássica ateniense. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. Odysseus: São Paulo, 2005.

LÓPEZ, S.A. Isocrates logografo y orador. In: *Cuadernos de Filosofia y Letras*, México,v.14.

_____. Oratoria y logografia. In: *Cuadernos de Filosofia y Letras*, México,v.14.

MELERO, R.L. *Filipo, Alejandro y el mundo helenístico*. Madrid: Arco Libros, 2006.

MORALES, F.A. *A Democracia Ateniense pelo Avesso.* São Paulo: Edusp, 2014.

MOSSÉ, C. *Atenas a história de uma democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.

_____. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PICKARD-CAMBRIDGE, A.W. *The Rise of Macedonia*. Perennial Press.

POULAKOS, J. Rhetoric and Civic Eduation: from the Sophists to Isocrates. In: POULAKOS, T.; DEPEW, D. *Isocrates and Civic Education.* United States of America: University of Texas press, 2004.

ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes.In: *Gerión*, Madrid. v.20, n.1, 2002.

STADLER, T.D. Barbeiros, cozinheiros e lutadores: a escrita da história a partir dos pequenos feitos em Plínio, o Velho. In: ANTIQUEIRA, M. (org.) *A escrita da história na Antiguidade greco-romana*. Curitiba: Editora Prismas,2016. p.197-201.

SUÁREZ, D.P. La ciudad griega como marco y consecuencia de la conflictividad social. In: *Vínculos de Historia.* núm.3. ano 2014.

_____. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. In: *Gerión*. 2007, 25, núm.1

THOMAS, R. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.

VERNANT, J-P. *O Homem Grego.* Lisboa: Presença, 1994.

VIAL, C. *Vocabulário da Grécia Antiga.* Martins Fontes: São Paulo, 2013.

VIDAL-NAQUET,P. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras,2002.

WARNIER, J.-P. *A Mundialização da Cultura*. Baurú, SP: EDUSC,2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença :uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da. (org.) *Identidade e diferença:* A perspectiva dos Estudos Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE

TABELA CRONOLÓGICA

Data	Eventos	Felipe	Isócrates
Séc. VIII	Surgimento das *póleis*, início das colonizações, criação dos Jogos Olímpicos, escrita dos poemas de Homero e Hesíodo.		
621	Leis de Drácon		
594-593	Arcontado de Sólon		
561-560	Início da tirania de Pisístrato		
510	O tirano Hípias é expulso.		
508	Reformas de Clístenes		
499	Início da sublevação na Jônia		
491-490	Primeira Guerra entre Gregos e Persas, Batalha de Maratona.		

483	Construção da Frota Ateniense.		
481-479	Segunda Guerra entre Gregos e Persas, Termópilas, Salamina e Platéia.		
Primeira metade do século V		Alexandre I, ancestral de Felipe, por intervir favoravelmente na guerra contra os persas, consegue que a Macedônia seja admitida nos Jogo Olímpicos (dinastia Argeada, descendente de Héracles)	
478-477	Criação da Liga de Delos		
462-461	Reformas de Elfiates		
461	Início da carreira de Péricles		
454	Transferência do tesouro da Liga de Delos para Atenas.		
449-448	Paz de Cálias, entre Atenas e os persas.		

446-445	Paz dos Trinta Anos, entre Atenas e Esparta.		
436			Nascimento de Isócrates
431	Início da Guerra do Peloponeso		
430-429	Epidemia de peste em Atenas, morte de Péricles		
421	Paz de Nícias		
411	Revolução Oligárquica dos Quatrocentos		
410	Restauração da Democracia		
405	Derrota ateniense em Egospótamos, fim da Guerra do Peloponeso		
404-403	Oligarquia dos Trinta		
403	Restauração da Democracia		
401-400	Retirada dos Dez Mil		
391			Isócrates abre sua escola
386	Paz do Rei		

385	Esparta domina Mantinéia		
382	Esparta toma Cadméia (viola a paz do Rei)		
382/383		Nascimento de Felipe	
382-379	Espartanos sitiam Olinto		
381-379	Espartanos sitiam Fliunte		
380			*Panegírico*
378-377	Segunda Confederação Marítima Ateniense		
376-371	Batalha de Leuctra, vitória tebana.		
368-365		Estadia em Tebas	
367			Carta a Dionísio (inacabada)
364-359		Governador de província	
362	Batalha de Mantineia, vitória tebana, “paz comum”		
359		Felipe II se torna regente, do rei Amintas IV.	

357		Amintas é deposto e Felipe II eleito Rei. Tomada de Anfípolis	
357-346	Guerra entre Atenas e Macedônia		
357-355	Guerra dos Aliados (Atenas e os membros da Confederação)		
356-346	Segunda Guerra Sagrada (Grécia Central)		
356			Carta a Arquidamo III (inacabada)
354	Fim da Segunda Confederação Marítima Ateniense	Intervenção na Tessália	
349-348		Tomada de Olinto.	
346	Paz de Filocrates, Felipe II entra para a Liga Anfictiônica		*Felipe*
344			Carta II, à Felipe
340	Atenas declara guerra a Felipe II, após avanços deste no norte e o confisco de Bizâncio		

339		Tomada de Elatéia	
338	Derrota dos gregos em Queronéia		Carta III, à Felipe. Morte de Isócrates.
337	Felipe II é eleito *hegemon* de toda a Grécia.		
336		Assassinato de Felipe.	